



# A RUA DA RONDA

(TARDE BRANCA DO MÊS DE JANEIRO)

*Alice Sampaio*









ALICE SAMPAIO

A RUA DA RONDA

(TARDE BRANCA DO MÊS DE JANEIRO)

LISBOA

© by ALICE SAMPAIO

A RUA DA RONDA

«yo soy Merlin, aquel que las histórias  
dicen que tuelve por mi padre al diablo

.....  
A ti digo! oh váron! como se debe  
por jamás alabado, a ti valiente  
juntamente y discreto don Quijote,  
de LaMancha esllendor, de España estrella,  
que para recobrar su estado primo  
la sin par Dulcinea del Tuboso,  
es menester que Sancho tu escudero  
se dê tres mil azotes y trescientos  
en ambas sus valientes posaderas  
al aire descubiertas, y de modo  
que le escuezan, le amarguen y le enfaden,  
y en esto se resullven todos cuantos  
de su desgracia han sido los autores,  
y a esto es mi venida, mis señores.»

De «Don Quijote de la Mancha» de  
Miguel de Cervantes

«A RUA DA RONDA» é a primeira de uma trilogia de peças «PARA UM TEATRO DOS POBRES».

*Nota (1):*

Muitas palavras das personagens seriam modificadas na fala, numa hipotética encenação: vão escritas e deverão pronunciar-se com as «deformações», e asperezas que são habituais nessas zonas do nosso país: a Beira-Alta, e notar que tanto os mais jovens como as crianças deverão pronunciar mais perfeitamente, com maior correcção.

Assim exemplos de palavras que se escrevem de um modo e pronunciam de outro:

meu — mê  
está — stá  
não — num  
beber — buber  
ao — 'ó  
lhe — le  
para — pra  
também — tamém  
como — cumo



pelos — plos  
taberneira — tabarneira  
amanhã — amanhã  
hoje — honje  
ou — 'ó  
então — antão  
sermão — sarmão  
negócio — nagócio  
Jesus — Jasus  
geral — jaral  
desgraça — desgracia  
merenda — marena  
educação — inducação  
lençol — lançol  
levou-me — luvou-me  
teatro — triatro etcetcetc

*Nota (2):*

Partículas e palavras como: lhe, não, também, e outras, estão, em regra, escritas na grafia correcta dada a frequência com que aparecem no texto e que, deformadas, como na pronúncia habitual do povo, se tornariam cansativas para o hipotético leitor de outras camadas.

## QUADRO I

Na brancura desértica de um nevão, uma casa de pedra e a mulher como uma sombra de nevoeiro.

**EUFRÁSIA :**

Velhacos. Báculos. Bacocos. A chamarem-me a mim, a mim, bruxa. De feitiços. A mim que os tenho curado de maleitas, maus olhados. Ah dianhos. Bocas abertas. Ui rai's os parta. Tempos hão-de vir malvados humanais criaturas e vereis ah vereis todos de abalada. Os novos pois. Os viçosos. Aahhhh. Pra guerras. Prá estranja. Brasis e mais brasis. Dinheirama a rodos. Oivi-o em sonhos. E mais coisas e aloisas. Dianhos. Olha a falta. Fomes. Sequidão de velhos relhos. Dianhos. Vão-se vão que rufões voltarão. Como oitros. Os que voltarem. Corja. SSSSSSS. Rai de frio. Acabo o conto tonto. Que quem viver verá. E contará. SSSSSSSSS. Ijasus. Fora canalha. Fora. Fora. SSSSSSSSSSS. Olha já lá tardava. Mirai-me aquela abutarda. O Miguel Almocreve. Vou-me. Vou-me. Há-de querer chá. Lumbago queixa-se. E eu a saber. Sempre com o siso na panela do caldo. Pois espera que já o comes. Dó de mim. Ai dó de mim. Ai não que cruces e rezas dão na fraqueza. Mê caldinho. Mê rico caldinho de minha alma. Nos escusamos Ufrásia. SSSSSSSS.

**ALMOCREVE :**

Ti Ufrásia. Oh ti Ufrásia. Valha-nos deus. A fazer-se mouca. SSSSS. Pudera tarde assim branca.

Mês de Janeiro frio no pandeiro. E nevoeiro. Mal vejo o povo à vista visível. Raça. Pessoas, rêses. As própria plantas ficam como mortais agurando Março Marçagão. Ou mesmo Abril. Os velhos amodorrados ao lume: que hão-de eles fazer senhor mais que aguardar a Primavera. O despertar. Bonitezas de ver. Claridades. Águas como o olho do galo. A luzir. Oi. Quantos nem chegarão ao reflorir da própria telha. Oi. E é que é mesmo um milagre: o telhado dos pobres aos primeiros bafos fica coberto de toda a casta de vegetação. Musgos, arroz-do-diabo, chapéus-de-judeu, tartulhos. Tartulhos. Bons na brasa. Que é deles ruim fome. Até as meninas no tempo dos tartulhos preparam banquetes prás bonecras de farrapos e truca manduca. Que é dos tartulhos senhor deus. A que raças de lonjuras inda vem a Primavera. Inda mal os nevões começaram a enregelar. Todos os seres. Lamas, estrumes, telhados de casas de morar e colmo das cortes. Tudo. Ói deus. E corpo e alma de uma pessoa a tiritar debaixo do mesmo capote. Graças de vivente. Ói deus. Vou-me chegando à povoação. Rua Direita mais Torta. A ver se piso nas poldras que as giestas e ramalhos mais são tapete a disfarçar os charcos. A anichar-se fofosa. Ói deus. Vai ficando de palmo a neve. SSSSSSSS. Sôa a hora de apregoar. Vamo-nos. Apregoa apregoando criatura.

#### Agulhas e dedais

trapas alfinetes

elásticos molas

atacadores e botões

pentas de derrubar piolhos  
é de graça  
por dez tostões  
Aguilhas e dedais  
agulhas e dedais  
malditas mulheres  
que nada comprais

Ôi vida. Oiço uma criança a cantarolar. Se calha arremedação. De ponti-pé pelas poldras. Baila. Raquel. Oh Raquel. Assombra-se-me a ca-traia da ti Antónia. Entre o cortelho do Jerónimo e o janêlo remendado a azul do Almiro. Tem a porta malcerrada ao frio. Mais atarracada se me afigura a casa. Cresceu a garotinha. Airosa e ligeira na bailação. Idade pra isso. Oito, nove anos. Mas que leva ela nas mãos. Uma cesta. Uma cesta com a merenda pra alguém. Raquel. Oh Raquel. Canta e baila. Nem quer ouvir. Uma merenda. Ôi deus. Vontade de comer não é fome. Qual fome. Ôi rico deus. De xaile preto dobrado por mão de quem sabe. A ponta atrás chega-lhe às calcanheiras dos tamancos. De cano alto e biqueira revirada. Graves. Ôi gravidades. Boas meias de algodão encarnado. Ôi ôi. Luxos de quem é quem. E ruça. Sai-se ao pai. Ruça como uma estriga na fiação. Ôi deus.

RAQUEL :

Pé-aqui-pé-ali  
filha de el-rei a guardar patos  
foi coisa que nunca vi

ALMOCREVE :

Raquel. Oh Raquel.

RAQUEL :

Pé-aqui-pé-ali. Boas tardes ti Miguel Almo-  
creve.

ALMOCREVE :

Vem com deus criatura. Ahn raça de frio.

RAQUEL :

Não tenho frio. Ora veja os meus tamancos no-  
vos ti Miguel. Comprou-mos minha avó no Dezas-  
seis. E o xaile de minha mãe o da arca.

ALMOCREVE :

Vejo luxarias sessenhora.

RAQUEL :

Vossemeçê já vendeu muita coisa?

ALMOCREVE :

Qual nada. Nem um fuso. Que o mulheredo  
hoje em dia já não fia. Nem merca sequer algo-  
dão. Quer das feitas as meias dos homens e dos  
filhos. Tempos. Vês este espelhinho? Tem na pin-  
tura a rainha de Inglaterra e uns versos escritos:  
vinte e cinco tostões: barata feira: pois julgas que

alguma sécia pergunta o que tens aí. Miram-se  
fazem muafas isso sim. Lê tu que lê como um pa-  
pagaio: ouvi-o a tua avó.

RAQUEL :

Leio.

Eu sou como a trovoada  
Que do céu à terra vem  
Sempre deixa nomeada  
Mais aqui ou mais além

ALMOCREVE :

Que boniteza de rimas. E tu sabes entoar.

RAQUEL :

Vossemecê donde vem?

ALMOCREVE :

Do cabo do mundo.

RAQUEL :

Na escola há um globo: roda-se: vê-se o mundo  
todo. Não tem cabo: nem princípio nem fim.

ALMOCREVE :

Princípio e fim há mas só deus sabe pra que  
bandas botam. Uns dizem que fica pralá muito  
pralá do ar. Contaram-me que umas criaturas da

estranja mandaram um geringonço a passear-se pela Lua: vê tu: como quem manda um foguete não desses de cana mas de ferros aços metalúrgicas infernais nunca dantes imaginadas. Nem contadas nas profecias do Bandarra. Ôi. E um homem dentro. Uff. Chega a criatura e toca: rei da Lua: põe um binóculo e olha: que vê? O pessoal todo a moirejar como num formigueiro: um teatro de fazer rir.

RAQUEL :

E depois? O homem?

ALMOCREVE :

Lá estará. Inda. Nada de tombar. Que lá o pra-baixo e o pra-riba vai dar no mesmo. Coisas diabólicas de fazer matutar. Uma pessoa assim naquela posição de alturas e tão pegada como nós aqui em baixo. Coisas do arco da velha é verdade. Ouviste falar no cavalo-cego do Bandarra. Já honje dissera de mim pracomigo que profecias daquelas nem vidente. Criatura de cálculos.

RAQUEL :

E ele? O Bandarra?

ALMOCREVE :

Uhhh. Conheces o conto tão bem como eu. E tu? sabes como se tira uma prova dos nove?

RAQUEL :

Resolvo problemas das quatro operações digo de cor a história e a geografia e todas as lições do Livro de Leitura. Sei tudo.

ALMOCREVE :

Constara-me que sim. És fina. Tens a quem sair. E crescestes. Quantos trigos carregas a caminho dessas espanhas de Castela?

RAQUEL :

Seis e sete de uma assentada. Mesmo nas barbas dos guardas e carabineiros.

ALMOCREVE :

Não te faças atentada. Olha que já têm morto muita criatura. A tiro. A vida dos pobres amarga. A da contrabandaria pior. Teu pai cedo lhe disse bonda. Aonde vais?

RAQUEL :

Levar de comer ao ti Anselmo. Quando morrer deixa-me a cabra amarela. Minha avó vende-a no Dezasseis. E manda-me estudar para professora como a Senhora.

ALMOCREVE :

Ôi. Julgas que o dinheiro de uma cabra dá pra se ordenar uma senhora mestra.



RAQUEL :

Saiba, minha avó tem guardados montinhos de moedas das estrigas que fiou e das teias que teceu. Que julgava vossemecê?

ALMOCREVE :

Uhn. Se teu pai vos mandasse algum, ...Mas consta que se fez vendedor de jornais, que o joga. Que faz discursos nas praças. Terras essas de criaturas que não crêem no verdadeiro deus. Histórias do povo. Lembro-me dele de quando abalou. Haja saúde.

RAQUEL :

Sabe uma coisa ti Miguel, minha mãe vai comprar-me, na loja do Angelito, um vestido de seda: igual ao da Francisquinha do senhor doutor Benjaminzinho. Prá festa-grande.

ALMOCREVE :

Vais por lá trajada de anjo?

RAQUEL :

Vou de Virgem-Maria.

ALMOCREVE :

Uhnuh. É a figura mais freiosa da procissão. Diz a tua mãe que compre no Rufo. Tem do bom

e do melhor. Velhaco. Foi ele quem mandou matar o Manuel Indróminas, um bomserás. Compra em cascos de rolha: salamanca, madrides e barcelonas, por terras do demio e da santa-maria: pra fornecer todo o contrabandista. Mas escuta, que levas tu aí na cestinha? Comidinha? Logo me cheirou. Ris? Ui jasus. Alegrias de criança. Afigure-se-me tua mãe, lá no fundo, ao portalejo esbarrodado do Cara Lisa. Tão nova e bonita. Traz cara de amargurada. Vidas. Sempre de negro como uma viúva. Que mais viúva. Sim, que mais.

MARIANA :

Raquel. Oh Raquel. Gira, criança. Lá está o pobre do homem morto com fome e esta alma nada de se apressar. E vossemecê ti Miguel, traz algo d'ão encarnado? Merco-lhe duas onças dele. Encarnado ou verde.

ALMOCREVE :

Desta feita não trago raça de verdes nem de encarnados. Azuis sim. Inda nem me estreei neste povo.

MARIANA :

Vossemecê é sempre à mesma: nunca traz aquilo de que uma pessoa precisa. Azuis tenho. Bem, vou à vida. Raquel, não te demores. A criatura tem fome. E vossemecê ti Miguel talvez traga algum dedal que me sirva.

ALMOCREVE :

Ôi, dedais trago um rôr deles. Que tu tens as mãos finas. Que mais parecem de fidalgaria. Mas vê. Vê na caixa. Aquela mulherzinha não é a ca-traia do Hipólito? Tem pinta. Deve andar nos quinze. De nené ao colo. A mãe inda a ter nenés.

RAQUEL :

É a Leonor.

LEONOR :

Raquel. Oh, Raquel.

RAQUEL :

Vou com pressa. A casa do ti Anselmo.

LEONOR :

Viste o Emídeo?

RAQUEL :

Vi-o ao ólimo a falar prá Joana.

LEONOR :

Mal empregado tempo. Digo-te a ti uma coisa. Mas juras. A ti Ricardina anda a fazer-me as rezas. De madrugada. Tudo cobertinho de cincilro. A ti Carminda bem disse que lhe deixa o herdo se ele se virar pra mim. Com as rezas, vira. O mais

custoso: ui tremia de medo: passei a mão pelas partes dele. De raspão. Diz que é bem. Jura que não dizes nada. Anda Raquel. Faz o sinal da cruz e jura. Jura.

RAQUEL :

Nosso-senhor me corte aos bocadinhos.

LEONOR :

Óóóó meu menino. Faço uma blusa de crepe-da-china à tua bonecra. Raça de garoto. Nem sei porque chora. Óóóóó. Fui eu quem fez o garruço dele: vês: encarnadinho. De lã do engenho. A minha gana era dar-lhe uma carreira de nalgadas. Óóóóó. Minha mãe que o teve que o ature. Mas manda-me a mim bailá-lo. Óóóóó. Ah marôilo. Já lhe tenho dado beliscos pra minha mãe acudir. Óóóóó. Se quizeres sou madrinha dela, da tua bonecra.

RAQUEL :

A madrinha da minha boneca é a Preciosa. Baptisamo-la na Fonte-da-Moira. No mês de Maria. No Mês de Maria há rosas e rosas sarnosas, peónias, cristas-de-galo, pimpilros, papoilas, maias. Tantas flores.

LEONOR :

Há. Agora nem nos nabais há flor. Nem assôma um brôto. Mas se fosse eu não queria de madrinha a Preciosa Piolhosa.

RAQUEL :

Mentirosa. E a minha boneca tem cabelos como as dos graves. De linho. Da roca de minha avó. Chama-se Francisquinha. Tu não a viste, a ela, a Francisquinha na Senhora-da-Ajuda? Minha mãe compra-me um traje igual na loja do Rufo.

LEONOR:

Os pobres diferenciam-se sempre dos ricos. A filha da ti Claudina que está a servir na cidade veio aí toda enfeitada de anéis e grifos nos cabelos — e vê lá se os do senhor Semião a chamaram a casa deles.

RAQUEL:

A servir. Antes queria morrer do que ser criada de um ladrão de um rico.

LEONOR :

O senhor Semião não anda a roubar.

RAQUEL :

Minha avó diz que ele surgiu das profundas dos infernos carregado com um saco de libras. Que pintou a manta. UUUUUUUUU. Que de contente se meteu a santão.

LEONOR :

A mim queria levar-me para a cidade a senhora Rufininha do senhor dottor Benjaminzinho — e eu

que sim e que não — não fui. Só se não tiver melhor sorte. Que eles são bons. No Verão quando vêm a férias o rôr de roupas velhas e esmolas. Olha. Olha, o Emídeo. A caminho da caça. Todo embrulhado na capa a esconder a espingarda. Emídeo, vais aos coelhos?

EMÍDEO :

Aos coelhos e às lebres. Num dia assim caiem que nem tordos. Patinhas bem assentes na neve como quem escreve: cá-vou-cá-vou.

RAQUEL :

Outros escritos não sabes tu ler: só o dos coelhos.

EMÍDEO :

Eeh já a formiga tem catarro. Outros escritos. Aaaaahhh. E tu Leonora toma cautela. Que desfazes as franjas do xaile.

LEONOR :

Olha a espingarda. Vê se sabes mexer com ela.

EMÍDEO :

Grandes áfricas. É fazer pontaria e dar ao gatilho. Alguns haverá mais fracos. Magro mas ladino, ahn.

RAQUEL :

Talvez morras de morte macaca. O José dos Anzóis também era um gabarola, um argolão e lá ficou afogado na ribeira três dias e três noites. Enterraram-no podre. Ruim. Açulava os cães quando as pessoas passavam à porta dele. Minha avó diz que a própria mãe o chorou de fingimento.

EMÍDEO :

Ora. Depois de homem morto cevada ó-rabo.

RAQUEL :

Bem feito se o guarda te apanha e levar para a cadeia.

EMÍDEO :

Pois que venha esse acusa-cristos. No bom tempo: dos melros e cotovias: assim como quem não quer a coisa engana-o sempre. Jumento.

LEONOR :

Deixa-te de flostrias. Na hora menos pensada acontecem desgraças.

EMÍDEO :

Qual desgraças qual carapuça. Olha quem miro e dá gosto mirar: ti Mariana: Oh ti Mariana. Está por lá a comprar algum par de ligas?

MARIANA :

As ligas dou-tas eu no focinho e não julgues que me ensaio.

EMÍDEO :

Arrediabo mulher tudo leva a mal. Eh criatura porque há-de zangar-se se um homem tem olhos na cara e lhe afirma que vossemecê é a cara mais bonita destes mil povos em redondo. Se lhe diz uma graça.

MARIANA :

Cal'te bardino. O meu tempo de graças já passou. Inda aí estás Raquel? Desanda-me. Esqueces o comer da pobre criatura.

RAQUEL :

Já vou.

EMÍDEO :

Parece uma avespra tua mãe. Deixe a criança ti Mariana. A criatura não morre por esperar pelo cibo.

MARIANA :

E tu meu valdevinos não queres que te ponham o cibo a tempo e horas?



EMÍDEO :

Arre. Vossemecê quando se arrenega toda furi-  
bunda em asperezas contra uma pessoa. E lá eu  
tão a horas tenho comido tão escolhidos os manja-  
res que fiquei esperado na tropa — um ano — pra  
botar larguras de peito. Óôôh. Tropas. Julgareis  
que me apanhais. Lá os dotores. Respira fundo  
rapaz. Vá funduras dos infernos. E medições. A ti  
Ufrásia diz que não tarda que apurem vesgos  
e coxos.

MARIANA :

Se calhar. Que altura de corpo e comprimento  
de língua não te falta. Lá resposta. Raquel, não  
ouviste? Vou à vida ti Miguel. Fiquem com Deus.

EMÍDEO :

Vou-me também. A matar uma lebre. Adeus.

LEONOR :

Consta que o Emídeo anda com o sentido em  
tua mãe. Que lhe mercou um lenço. O que leva  
à novena.

RAQUEL :

Mentira. Mentirosa. Refinada mentira. Minha  
mãe quer lá saber de um lobishomem. Minha  
mãe...

LEONOR :

Disse por dizer. Escusas de chorar. Consta. Olha o ti Almocreve escorregou e deixou cair a caixa. Iiih.

RAQUEL :

Eu o ajudo ti Miguel.

ALMOCREVE :

Bem-hajas. Bem-hajas. Que Deus te abençõe.

RAQUEL :

Bem. Tenho que ir levar o comer ao ti Anselmo. Espreito sempre antes de entrar. A ver se está morto.

ALMOCREVE :

Não tenhas medo dos mortos. Dos vivos inda vá. Ora esta, não trazer o algodão que tua mãe queria. Toma, dou-te o espelhinho para te mirares. Enquanto se é novo e galante vale a pena. Aqui de cambolhão pra coisíssima nenhuma, ná. Pega.

RAQUEL :

Bem haja ti Miguel. Vá a nossa casa. Minha avó dá-lhe uma regaçada de batatas. Ui fuja, olhe o guarda.

ALMOCREVE :

Que dizes jasus-senhor. Esse sacripanta atravessado de judas? É é ele de pistola à cintura, empertigado. De espingardaria ao ombro. Ôi se lubriga uma criatura. Por aqui me escapo. Me escapo.

GUARDA :

Onde se meteram vossemecês. Ó gentes? Traz pregos ti Miguel? Oiça, fecho os olhos à licença se traz pregos. E a garota? Mas onde se meteram se inda agora os vi. Almas do diabo. Desaparecem como fumo mal pressentem uma criatura. Raça de pessoal. Mas eu hei-de saber por onde anda a gentiaga de homens deste povo. Sacanas. Se calhar na caça, atrás das lebres e coelhos, a fazer pouco de mim. Se os apanho. Ladrões. Vem uma pessoa cheia de fome e de sede, estuporada de subir e descer bandorriais à cata desses safardanas que não respeitam a propriedade alheia, e lucros? Não encontra sequer uma boa alma que o mande entrar em sua casa para se aquecer, mastigar um petisco e beber um trago. Uma lágrima de vinho ao menos. Canalha. Que eu na graça de Deus não sou da sua igualha. Tive tento. Mas que raio. E se nos fossemos à taberna da Angelina? Ná. Um homem fica esfolado nuns patacos e não petiscou nada de jeito. Um chouricinho assado na brasa é que vinha a calhar. Talvez o Ambrósio. Não faz favor nenhum. Livrei-o dos da vila e até agora que viste. A bem dizer pouco. Promessas. Mas coço-te. Podia ir a casa do Semião que inda é meu

primo por parte lá da patroa. Mas ná. Bem capaz de me deixar a apitar. Um primo de teres e haveres pra nomeação nas feiras por aqui e por ali dá respeito. Nomear um homem de posses, dizer: meu primo o Semião frito e cozido; ou os filhos de meu primo Semião doutores fulano, cicrano e beltrano e tal e coisa. Dá respeito nomeá-los de arruada assim a modos de rópia. Mas apresentar-se uma criatura com os pés gelados e a barriga a dar horas em sua casa é outra cantiga. Ná. Depois de encher o bandulho isso sim. Vamos ao Ambrósio. Que o Ambrósio tefe-tefe avia-se a prantar-me o melhor bocado. E à brasa. À brasa do Ambrósio e a choriça a chiar. Cá para o meco. Vamo-nos Ala. Ala.

#### ALMOCREVE :

Não me topaste judafaz. Ôôôô. Vai meter-se ao lume do Ambrósio bebendo e petiscando a pagar-se das tramóias. Ruim capa. Farronca. Barriga inchada. Ôdre. Bestunto. Quem o viu e quem o vê. Um pobre diabo que nem tinha onde cair morto. Pespegam-lhe a arma nas mãos e toca: casa-se com a morgada velha de Castel'mendo. Fica aparentado com todos os ricos do sítio. Trunfa. Muita que ferre é pagar e não bufar. Malandro. Pior que uma camada de sarna. Uiui. Cal'te boca. Que oiço? Ôi jasus. É o órgão da igreja. A marquinhas do Samião toca como um anjo dos céus. Que já a levam para freira. Com dote e fidalguias. Vidas. E eu? Sim. Sem provar mordo de pão. Ai quem se lembrasse de me chamar: ti Miguel, pegue lá um caço de caldo. Ao menos um caldinho.

Ufrásia. Oh Ufrásia. Era ela juraria. E com uma destas taleigadas. Pagas do desfazer de algum enguiço. Ufrásia. Oh Ufrásia.

EUFRÁSIA :

Bem te conheço. Sei que me queres dianho. Pois espera que esperarás. Tens fome. Cruzes na boca. Que o meu ofício fazer cruzes é. Cheirou-te a regaçada. Custou-me cruzes e cruzeiros. Não me ficou de graça. Isso, vá, apregoa, fusos e didais. Didais e fusos. Passei muita hambre a fiar na roca. Acabou-se-me o fianço. Nunca vi ripanço. Oitros mundos. Tudo são cruzes. Querias. Rico pãozinho da minha alma. Que galga. Lá a comadre Mafalda é sábia na cozedura. E amassadura. O dianho tem que cozer. E de que amassar. Bom peguilho. Lá a comadre Mafalda tem que matar. Bons marranos. Riqueza de conduto. Cruzes, Cruzes na boca. Toca apregoa. S'inda tens apregoação. Fusos pra rocas. Iiiiihhh.

## QUADRO II

Igreja de arquitectura primitiva e fachada branca a contrastar com o escuro das casas da aldeia. Raquel a meio do adro em ar de escuta, encantada pela música. Notas desgarradas de um órgão envolvem-na por instantes dispersando-se com lentidão no ar gelado. Depois a criança move-se indo espreitar o interior da igreja onde aos poucos começa a distinguir as figuras fartamente enroupadas dos santos nos seus toscos altares enfeitados a flores de papel desbotado. E o vulto de Marquinhas tão esguio, curvado para o órgão, o véu de luto tapando-lhe o rosto pálido, imobilizada numa doçura melancólica de santa. Faria parte da comunidade celestial, ela também, já? Raquel um tanto amedrontada recuou para o largo e numa alegria brusca começou a bailar cantando ao compasso dos sons:

A Marquinhas freira  
                                freira  
O ti Anselmo a morrer  
                                morrer  
E a cabra amarela vai ser minha  
  minha  
E minha avó que vai vender  
  vender  
A cabra amarela minha  
  minha

Deixara de ouvir-se a música mas Raquel continuava a cantar e dançar. Marquinhas enquadrava-se na porta da igreja: figura de luto, esquelida quase na nitidez gelada: a sua boca franzi-se num trejeito afável e repro-vador.

MARQUINHAS :

Criança. Não deves bailar como baila o mulheiro na praça. O toque do órgão é um render de graças, um louvor ao Altíssimo e aos seus santos e arcanjos. Para maior glória e grandeza de Deus. Pois quem somos nós humildes pecadores, miseras e humanais criaturas. Raquel, anjo, benze-te. Três vezes. Por penitência. Assim sim. Ah como ficarias linda de noiva do Senhor. Não fujas. Escuta. Ouve. Tive um sonho. Um sonho. Não te assustes. Um sonho como uma estampa celestial.

RAQUEL :

Noiva de nosso-Senhor? Morrer e ir para o céu? Ooh não não. Quero ser professora como a Senhora e ter um casaco cor-de-vinho. Ui-jesus, a nossa rica toalha, tão alva, suja do caldo do púcaro.

MARQUINHAS :

Professora? Não sabes o que aconteceu a uma professora de Vilar-Maior? Andava para ter um menino. De um homem. Um marrano de um homem. Um valdevinos. Que exemplo de perdição para o povo. Uma noite houve quem lhe apedregasse a casa aos gritos de desanvergonhada. De porca. Pela manhã encontraram-na enforcada na figueira do quintal. Como judas. Que também atraiçoou o Senhor. Pobre alma perdida. A penar por eternidades. Não fujas. Ouve. O divino Deus está muito ofendido, muito amargurado e castiga

o mundo com desgraças e mais desgraças. Sacrifica os amados filhos. Tem que sacrificá-los. Somos os cordeiros da purificação. Raquel. Oh Raquel.

RAQUEL :

Ui-jesus. Mas a senhora Marquinhas devia andar contente: é tão rica.

MARQUINHAS :

Bem sabes o que disse o Senhor. Que é mais fácil passar um camelo pelo cu de uma agulha que um rico entrar no reino de Deus.

RAQUEL :

Deixá-lo. Se fosse a mim para que nosso Senhor me não castigasse comprava à nossa-Senhora um traje branco bordado a ouro e prata. O que lhe vestem nos dias-de-fazer e mesmo o das festas — estão tão velhos. A mulher dos triteiros quando representou o drama da Rosa-do-Adro trajava de azul celeste com estrelinhas como santa Filomena.

MARQUINHAS :

Comédias. Malvadez. Nosso-Senhor não é de comédias nem de vaidades e não consentiria a sua santa mãe com luxos. Triteiros. Criaturas de perdição. É o Argentino um bebedado quem lhes empresta a corte. Pra teatros. Rezo para que o espírito se te ilumine. Rezo por todos. Por causa de



todos os horrendos pecados que diàriamente se cometem neste povo. Que recruxificam o Senhor.

RAQUEL :

E depois no convento? Não toca as músicas da igreja?

MARQUINHAS :

No convento há um piano grande, tão grande. Preto. Serei capaz de tocar maravilhas para dar graças ao Senhor. Os porcos! Um pai que dizem rico e seis irmãos todos doutores nunca consentiram que se comprasse um piano só para mim. Sim dizem eles uma mulher quere-se para saber tomar conta da casa arranjar marido e ter filhos. Nunca. Nunca. Marranos. Consentir eu. Eu. Piores que animais. Que mil bestas. Que bichos. Tinha eu nove anos como tu e observei coisas. Bácoros. E eu que tanto queria um piano. Foi meu primo o abade Viriato quem me deu as primeiras luzes. Morreu o pobre. De velho mas entendedor e lido. Disse-me um dia: só te restará fugir: para um convento. Se soubesses como o órgão da igreja está desafinado.

RAQUEL :

Se lá no convento têm assim um piano novo e tão bonito...

MARQUINHAS :

Têm, têm. Não tens frio? Eu regelo. Uso este casaco e estas botinas há dez anos. Quando saio.

Escuta. Gosto de regelar. Julgo-me debaixo de um manto de malquerenças. De raivas. Que um dia, em Deus, encontrarei abrigo e consolação. Sagrada quentura. Divinal amor. Anda cá. Também existe calor no inferno. E no purgatório. Vem. Rezamos juntas uma oração. Eu toco um cantico. O dos mortos nas chamas eternas da eternidade. Verás.

RAQUEL :

Jesus. Não senhora. O ti Anselmo está com fome.

MARQUINHAS :

Lembras-te da estampa das almas. Os corpos a arder. As santas chamas que queimam misérias. Peçonhas. Os mais nojentos pecados. Quando entro na sacristia e as olho essas almas na nudez e no fogo é como se o mundo se transformasse numa fornalha. E eu ardesse também de alegria. Ouves. De alegria. E sabes, o fogo e o gelo queimam igualmente.

RAQUEL :

A estampa das almas é de meter medo. Ui.

MARQUINHAS :

Foges de mim. Diz ao moribundo que vou lá um dia destes rezar-lhe as orações. As do passamento. Que se a hora de morrer se lhe faz tardia

para melhor arrependimento há-de ser. E não para  
borracheiras e blasfêmias. Que me constou que  
pragueja e clama pela pinga. Que diga e repita  
amado Jesus José e Maria assisti-nos na última  
agonia. Amado Jesus. Foges de mim. Foges.

RAQUEL :

Eu cá não vi nem velhinha  
  nem velhão  
Corre corre cabacinha  
Corre corre cabação

### QUADRO III

Uma casa terrea atapetada de palha. A porta escancarada para a Rua da Ronda. Viam-se algumas mulheres acoradas no chão. As mais jovens, garrulas e inconsequentes, rindo e dizendo-se segredos. Uma delas fazia renda de algodão. Os seus dedos gira-que-gira numa perícia desembaraçada no tecer de formosíssima e branca flor. Um rapaz baixo, trajado de sorrubeco, a expressão ladina fazendo um coro de risos com as raparigas ou beliscando-lhes os traseiros e apalpando-lhes os seios sempre que havia azo. E elas em gritinhos e exclamações empurrando-o sacudindo-o mais divertidas que zangadas: cochino ah bacoro vai buliscar tua abó. A meio da quadra, desgarrada, uma velha mais velha que todas as demais mulheres, Filomena, a esgaravatar numa semiausência as brasas de um caco: um cântaro de barro rachado transversalmente. As outras mostravam-se desagradadas dos risos das mais novas, seus rostos soturnos curvadas no trabalho de remendar.

ANTÓNIA :

Galileia. Calai-vos dianhos.

CELESTINA :

Já nem na «casa-do-serão» se pode ter sossêgo.

FILOMENA :

O sossêgo tem-se na cama. Ou na cova.

ANTÓNIA :

Por sossêgo ti Flomena, a Mariana traz o Emídeo cada vez mais encanizado atrás dela. Que diz vossemecê?

FILOMENA :

Que sim o rapaz anda com o sentido nela. Alvo-  
raçado. Ai mocidade. A Mariana é do ano do nosso  
Alípio, anda à roda dos trinta. E uma cara que  
benza-a Deus, desenxovalhada. Criatura na força  
da vida. Conheceis a cantiga:

Ai meu amor  
meu ramo de freixo

CELESTINA :

Devia ter tento, respeitar o homem, que para  
tanto o recebeu.

FILOMENA :

Devia lá isso devia. Que falsas e refalsonas  
conheço eu muitas. A fingir de santarronas. Aiai.  
Também quando o corpo pede bonda de todo —  
assim como o meu: último suspiro e cova: é tris-  
teza. Ou o diabo. É andar é andar antes que se  
faça tarde. De todo de todo. Devia ter tento lá  
isso devia trailarailarai.

CELESTINA :

A vida do homem, consta, tem-lhe corrido mal  
por lá. Que o viram a pedir. Nem admira. Ele e o

irmão que morreu nas guerras de Hespanhas tiveram sempre maus sistemas. De maçónicos. E incrêus. Tendo juízo como muitos, numas terras daquelas só de ricos.

FILOMENA :

Aventuras-te a afirmar que numa terra de ricos não haja pobres. Valha-te a trambuzana.

CELESTINA :

Haverá pobres. Mas ele é dos que são contra os ricos. Aí tem. E credo Jesus uma pessoa deve ter vergonha na cara. Deixar a família ao abandono. Os filhos crescidinhos, o Titónio e a Raquel. À pequena, julgo bem, nem a conheceu. Jesus-senhor ao que uma pessoa se assujeita. Por cis-mas. Que também já oivi que anda por portugueses escondido de comunista e que não bota ao povo por que ninguém o descubra. Jesus-Maria.

ANTÓNIA :

E vossemecê ti Flomena oiviu contar mais alguma notícia? Os descaramentos.

FILOMENA :

Que descaramentos havia eu de oivir mulher que todo o mundo não saiba já. Que ele lhe mercou um lenço no Dezasseis. Que ela se faz encarnada como donzela assim que o vê. Que a Leonor do Brisdo também anda com o sentido nele, a

mandar botar rezas a essa loba da Ricardina. Fosse-se antes à Ufrásia que essa sim de bruxaria e enredações é de ciência certa e sabida. De que ris vós aí pimpinelas?

CELESTINA :

Inda há por í desgraça no povo.

ANTÓNIA :

Lá o galaroz. Ora-ela já não lhe servem as solteiras bota-se às casadas. Pois fazia um bom casamento com a Leonor do Brisdo. Que a tia lhe deixaria as posses. Ora o bardino.

FILOMENA :

A Leonor é uma criança. Deve crescer e florir. Que ele é perfeito rapaz. Um cravo. Tralarai. Que admira que muitas o queiram. Bolido como é.

ANTÓNIA :

Encontre-se a Mariana num lado aparece ele de seguida. O figurão. Combinados se calha. Eu diria que ali houve tramoia. Alguma mistela que lhe deram a buber. Venenos de almas.

FILOMENA :

Que mistela. Qual veneno. O bruxedo está na mocidade. E a Mariana é criatura de propósitos, não tramojava mixórdias. Dianhos. Uma cara de

fermosura faz-vos invejas e raivas. E toca, feitiçarias.

ANTÓNIA :

Engana-se vossemecê. E ela é mulher casada. Devia respeitar-se.

FILOMENA :

Devia. Deveu. Devistes. E escusais de achincalhar, o Manuel dela sempre foi um homem de bem. Dos melhores. Terras amaldiçoadas estas. Daqui se vão todos, todos se marcham, bons e ruins.

CELESTINA :

Diz que o ti Anselmo inda por primos lhes deixa a horta dos Vaizinhos e o burro. Pode acontecer estarem a ampará-lo no fim da vida e depois virem os filhos, herdeiros naturais, e dizerem é nosso.

FILOMENA :

Assim será. Inda que eu dou por certo que os filhos do Anselmo já cá não tornam. Por artes ou mánhas consta que trepam por ouro à cama. Virem por soidades. Visitação de misérias. Quê.

ANTÓNIA :

Assim cumassado de haveres ninguém é completo.



CELESTINA :

Têm o povo por testemunha. Da promessa. Mas quê. O povo não tem vergonha na cara e tanto vê e ouve que tresmalha.

ANTÓNIA :

E lá os filhos com tantas posses dever seria que mandassem algum ao pai. Para bons comes e bebes. E que se assistisse de doctores.

FILOMENA :

Esqueceram-no e antão. Não são os primeiros nem hão-de ser os últimos. Doctores. Pra que quer ele os doctores se a sua hora for chegada.

ANTÓNIA :

Ao menos mandava chamar a benta de Almofala que lhe puzesse côbro ao mal ou antão que lhe assoprasse de vez. Inda não houve por estas redondezas mulher de tanta virtude. Tirante a ti Ufrásia que essa de feitiços e adivinhações, de saber o desacontecido e o que assucedará ijasus! Mas cal'te boca. Sim por benta de nune ou virtude nunca a conheci.

FILOMENA :

E a de Almofala. Visteslas. Por mim num las vi num las contesto. O certo e sabido é que só sái das suas tamanquinhas depois de apalpar bem as peitas. Não reza uma conta nem faz uma cruz que lhe fique de graça a loba.

ANTÓNIA :

E os doctores. Não levam a pele a uma criatura quando aí botam ao povo de carro ligeiro? E percebem patavina de maus olhados, espinhelas tortas; das paixões que cozem os fígados de uma pessoa? É bem de ver que a virtude paga-se. Também, de graça, só conheço a água da fonte e mesmo essa há que carregá-la ao lombo.

CELESTINA :

Oivi que chamaram a tal de Almofala para um homem que fôra mordido por um cão priado. Do Praizal. Tinham-no fechado a sete chaves, a criatura gemia, escumava e rasgava-se. Que parecia uma fera enjaulada. Ou como quem tem o diabo no corpo. Vai ela, espreita pelo buraco da fechadura, assopra e foi um benza-te Deus. Sentiram um ronco, oitro e oitro e depois nem um pio. O homem caíra de borco. Estava mortal como um passarinho.

MANUEL MIQUELINO :

Que grande florestria. Matar também eu matava e não seria milagre nenhum. Inda se lhe desse cura.

CELESTINA :

Com um assopro! Cal'te! Curar cura ela todos os dias de loicenças, febres, doideiras: males que só mesmo o diabo manda ao mundo.

ANTÓNIA :

Foi ela que avisou o João Loirenço do mau olhado que a Ricardina lhe botara na filha. E olhai que se a criatura não desfaz o enguiço, ele mata-va-a sem mais aquelas, que mo garantiu.

FILOMENA :

Já se vê, se não houver quem tenha mão no mal é uma desgraça pegada. Sem princípio nem fim. Larilolai. Que a Ufrásia não é benta mas de enguiços e feitiços larilolai venha a primeirinha. Por uma choiriça e uma morcela dá ela graças à santa virgem dagrela. Conhece a melhor mistela e caretas e tretas e petas. Que graves sois. Quereis a dona de Almofala uma dona arrufada e arrufos óstufos pagais. Bentarias. E vós ladinas de que ris? O que sois de loiças rosas venenosas. Ora as pimpinelas!

RAPARIGA :

Ouvi dizer que a ti Ufrásia e mais a ti Ricardina, todas as noites, quando canta a noitibó, bailam em pêlo debaixo da figueira preta da Assomada. Ambas e duas e mais outras que inda se não descobriram. Mas há quem tresjure coisas.

VOZES :

Quê? Que coisas? Que aloisas? O quê rapariga?

RAPARIGA :

Ora. Vossemecês vão badalar.

CELESTINA :

Juro pela hostia consagrada.

ANTÓNIA :

A minha boca se feche para sempre.

FILOMENA :

Conta se queres. Morta estás tu por isso.

VOZES :

Conta. Anda. Conta.

RAPARIGA :

Escutem baixo. Disque a Marquinhas do ti Samião também baila em pelo debaixo da figueira. É alva como a neve pelo luar. E tanto pula que tenta o demo. Este vem e cobre-a com um capote. Fazem marranadas.

VOZES :

Pois bonito! Aaahh. Credo rapariga! Aaahhh!  
Credo!

CELESTINA :

Uma menina tão santa que vai para um convento. Assim sendo quem se salvaria das garras do Lucifer?

FILOMENA :

Quanto maior a santidade mais regalado se  
espoja o demio. Pois imaginaste-a boa, rapariga.

ANTÓNIA :

O demio não se atreveria a subir tão alto.  
Duvido.

FILOMENA :

Trailarailai. Quem tem pernas vai a França e  
o demio não é manco.

MANUEL MIQUELINO :

Há franças! E consigo ti Filomena nem o mesmo  
Barzabum se astreveria.

FILOMENA :

O que és de brejeiro alarve! Tralarailai

Moça fui  
velha sou  
Nunca o meu corpinho  
tais peliscotes luvou

Lailarai. Se mal e bem marchassem a hissopo  
e abrenúncios de inzoneiros. Mas é o marchas.

ANTÓNIA :

Consta-se que já o filho do pai-abô faz milagres como bento. Que fala tu-cá-lá com bispos e reais que faleceram há cem anos.

FILOMENA :

Poderes tão grandes como os do Diabo só o mesmo Deus. O pai-abô a fazer marranadas com a própria filha, e o filho-neto um santo de pôr no altar. Vá lá uma criatura querer entender. Aiai. Quem me curasse do rumatismo. Vêdes como marchou trôpega. A ver se enfio uma agulha à claridade do dia. Já não tenho olhos.

RAPARIGA :

Deixe ver ti Filomena que eu lhe enfio a agulha.

FILOMENA :

Ora. Deixai-me. Enfiai oitra coisa que morta andareis por isso. Raquel oh Raquel. És a folha de uma rosa. Olhai-me essas descaradas. Em mo-fas. Não me amanheis a paciência. Canalha. Como gargalham. Andai aqui menininha. Que pena que cresças listo e te faças estranhada com i esses di-nhos. Ah demócaros.

RAQUEL :

Que escuridão! Boas tardes.

VOZES :

Vem com Deus. Tardes que de enevoadas se fazem noites. Perscrutas? A claridade obscura bonda. Ahhh. Escuridão! Pois não!

FILOMENA :

Dizes bem. Quem tem linhos olhos para arregalar quer outras miradas. Outra cor. Inda um dia me hás-de dar a tua trança para eu fiar. É tal qual o meu linho. Que segredais lambisgóias?

RAPARIGA :

A mãe que lhe faça um pôpo. Olhaolha. Tranças de grave. Em vez de gastar os vagares com o sentido nos homens solteiros.

FILOMENA :

Toma Raquel. Linha branca. Beleza de olhos tens tu para ver na própria névoa. De cortar à faca. Ui estou velha de todo. Mais velha que a Sé da Guarda. Já tenho remendado branco com preto e preto com branco. Quem diria que no meu tempo fui lince. E que também tive olhos bonitos e fagueiros. Fazeis escarcéo. Pois não é por me gabar mas noutros tempos poucas me levavam a palma em bonitezas. E antão!

RAQUEL :

Pronto ti Flomena. Vou com pressa.

CELESTINA :

Vais levar o caldo ao velho? Ora vejam, com os filhos uns ricalhoiços e a morrer às esmolas. Coisas da vida.

ANTÓNIA :

Ingratos. Malvadez. Ah mas tens uma linda pelotra. Deram-ta?...

VOZES :

Se calhar. Bbbbsssss. Agrados. Bbbbsssss.

RAQUEL :

Não senhora. Fê-la minha mãe com borracha das alpergatas e algodão. O tio Anselmo deixa-nos todos os haveres.

FILOMENA :

O favor. Tendes-lo aturado como família. Escutai. Julgo oivir o realejo do Emídeo. Esvaiu-se o sonido. Mas que artista o rapaz me saú.

ANTÓNIA :

No toque do realejo e no mais que se sabe porque a guardar o vivo oitros há melhores que ele. Inda não há-de haver três dias deixou que duas cabras e uma vitela saltassem para a nossa horta da Fonte. Das couves ficaram os talos. Estou em



crer que fez de propósito para tirar um fartote de leite. Ah não perde pela demora e paga-mas. Olá se paga. É um dia de cava e dois alqueiros de pão sem tirar um centil.

RAPARIGA :

Cale-se criatura. Deixe ouvir.

RAQUEL :

É o órgão da igreja. A senhora Marquinhas disse-me que ia penar de expiação para um convento por causa das riquezas.

MANUEL MIQUELINO :

Não está má essa. Pôr-se de castigo. Pois fazia melhor nagócio com nosso-Senhor se repartisse haveres e penitências. Que o bolo a caiber-le por morte do pai não é dos mais sumíticos.

FILOMENA :

Lá o pai tinha mais juízo e outras devoções. Conheceis a do santinho de barro?

MANUEL MIQUELINO :

Uma pessoa nunca se cansa de oivir o feito. Conte ti Filomena. Carai.

FILOMENA :

Inda honje me rio e penso no estremês que daria se o santo tem caído ao chão e se desfaz em fanicos.

RAQUEL :

Como foi ti Flomena?

FILOMENA :

Mais parece história da velha-ó-sol mas conto-ta porque tu és fina que nem um coral e não a boto em cesto roto. Assim vais aprendendo como se tecem as tramóias. Escuta: O velho Samião antão inda novato, guardava as libras num santo de barro da sua devoção. O santo tinha um buraco com tampa no alto da cabeça. Que a mesma auréola servia de asa, e outro buraco de rolha por baixo... Trajado tal qual uma pessoa santa e de bordão já se vê. O Samião todas as noites fazia as suas rezas ajoelhando aos pés da benta imagem depois de muito à sucapa — não fossem ver os servos — lhe ter botado mais uma rodelinha. Os da casa respeitavam aquela devoção mal cismando no valor daquela santidade. Ora aconteceu que de uma vez botou-se aí uma quadrilha de ladrões que assaltava tudo o que eram casas de posses — só essas — que as dos pobres praquê — se só lá encontrariam misérias e porcaria — e a ladroeira melhor que ninguém sabe diferenciar. Pois como ia contando o conto os ladrões botaram-se como lobos à casa do Samião e revoltaram pra-riba e pra-

-baixo, esfandangaram, abriram cómodas e arcas — chegando a palhaçar com os endônos da senhora Quininha — estriparam enxergas e enxergões e nada: palha: até potes de banha: derretiam-na: mas do principal nada e nada. Inda honje me rio! Olha que quando passavam em frente do santinho os jagódes benziam-se: de respeito! O Samião, sabe deus, morto por ver tais figurões pelas costas, dizia às tantas para o chefe da ladroeira: um barbacenas de alto-lá: «Ó senhor, afianço-lhe, sou homem pobre de dinheiros: os haveres à vista estão: alguns chouriços, presuntos; peguem-nos e repartam como lhes aprouver: e vá de beba-e-beba: outras riquezas não há». Dava vinho de um cangirão maior que a talha da água benta, mas lá eles os judafazes: que a vinhaça bubiam-na eles à boca da torneira dos tonéis: riam-se e toca a rebuscar — borrachões já. Nesse entretempo, um dos melros bota as unhas ao santinho e toca a bailar-se com ele — por achincalhe puro. Quando isto observa o Samião, de mil cores, a escumar raivas, berra como perdido: «Ah cão se não pões o santo no seu lugar desfaço-te nesta hora». E corria contra o facínora com uma forquilha que encontrara à mão e de tal modo que o outro acobardado inda disse que o santinho tocava e tinha peso — e o Samião que era da santidade e de um sino de barriga de anunciar as devoções — e o outro temerato já sessenhor sessenhor cá fica o santinho no altar: que era em riba da arca do trigo: e em boa hora sessenhor — e logo o Samião devoçudo tomba aos pés da benta criatura tendo-a agarrada e desata num latinório de jesus-maria-e-josé que mais parecia o padre Vilão em dia de festa grande, tanto

e tão acertado que mesmos os mais herejes da quadrilha se benzeram muito compostos e arresolveram botar-se às-de-vilas-diogo de mais préstimo. E antão? Nessa altura inda os filhos eram uns ca-traios: estava lá a servir a Delfina Galante: e era viva a senhora Quininha que Deus tenha em descanso. Tem. Que ela também não ia de cá avezada a trabalhos. Trailarailai. Gostastes do conto?

CELESTINA :

O alma do diabo. Será verdade ti Flomena que roubou um saco de libras antes de ter pretendido a senhora Quininha, criatura de tantos primores e riquezas?

FILOMENA :

Enredos que inda estão por destrinçar. Mas dizem que sim, que ele e mais outro assaltaram um homem que ia a uma arrematação de propriedades com os alforges carregados de dinheiros. Que de tanta pancadaria o deixaram mortal. Naqueles tempos a dinheirama era de oiro e prata e cobres: não havia papéis. Porcarias. Papéis. Assussurou-se, quando aí botou, que vinha fugido de umas terras chamadas de Trás-Os-Montes. Inda meio rapazoilo mas todo pimpão: de respeito e alto-lá.

ANTÓNIA :

Quem ensinará a doutrina quando a filha se marchar para o convento?

FILOMENA :

Que melhor convento que uma terra destas. Mundo. Uns não comem porque não têm por donde, oitros porque às tantas lhes dá o tranglo-manglo. Também se assim não fosse, enquanto uns estoi-rariam de fartote, os oitros mirravam-se à míngua.

CELESTINA :

Não deixa de ser milagre abandonar o terreno pelo divino. Desígnios de Deus. E olhai que quando a oiço na igreja, com aquele donaire de santa de retábulo, só julgo que subi ao céu.

FILOMENA :

Que céu, criatura! Olhais essa nebrina? Jásus, como neva. E o meu xaile mais rafado que pêlo de cão sarnento. Que céu! Se eu fosse nova e pudesse ao menos correr e saltar mas quê. E é nos corpos velhos que o maldeçoado frio melhor se entranha.

MAMNUEL MIQUELINO :

Se calhar inda me boto à folha a ver se agarro um caçapo.

RAQUEL :

O ti Guarda anda no povo. Para prender todos os homens que andam na caça. Disse-o ele.

ANTÓNIA :

Credo. Dizes a verdade?

RAQUEL :

Sessenhora. Queria agarrar o ti Almocreve mas ele escondeu-se e fugiu.

CELESTINA :

Crianças. Têm medo dos guardas depois inventam coisas e aloisas.

RAQUEL :

Vi o ti Guarda. E vi. Vi-o ir para casa do ti Ambrósio.

FILOMENA :

É capaz é. Safado de mil diabos.

CELESTINA :

Enquanto estiver à brasa do Ambrósio melhor: num anda por aí a fazer o mal. Gebo. Por sua gana nunca o povo teria uma trincadeira de jeito e na paz do Senhor. Multou o meu José em duzentos mil reis. Por um coelhinho de somenos.

MANUEL MIQUELINO :

Sacana. Um dia, comigo, se não me escapo pra debaixo da mó...

FILOMENA :

E tu Raquel, não ias luar de comer ao velho? Deve estar frio o caldo. Olha, dá-mo cá, aqueito-o aqui nas brasas e truca-truca-manduca. Como-eu. E bem que me saberia à galga.

RAQUEL :

Não senhora. Que minha avó zangava-se. O ti Anselmo deixa-me a cabra amarela. Ela, minha avó, vende-a no Dezasseis e com o dinheiro manda-me estudar para professora. E minha mãe compra-me um casaco cor-de-vinho.

VOZES :

Olhaolha a professora dos cucos. Ora vejam. Com o dinheiro da cabra amarela. Se calhar apareceu-te uma santinha com um saco de libras. Numa carrasqueira. As senhoras-da-aparição-das-carrasqueiras vêm por penitências e orações. Qual libras.

RAQUEL :

Minha avó tem guardados montinhos de moedas das estrigas que fiou. Muitas moedas.

VOZES :

A riqueza do fianço. Olhaolha dinheiro das estrigas. Diz-lhes que te mandem ordenar para senhora regenta. Dessas que mal sabem ler para seu uso. A da Ribeira-Velha mal sabe notar uma carta.

MANUEL MIQUELINO :

Essa! Ui, os garotos que leva a inxame ficam bem pois antão. Mas tão burros voltam como foram. Carai. Andei dois pra três anos a aprender a ler com a tal Candidinha. Pois não me ensinou nem a contar até cem. Que eu só ia à escola a fim de espreitar as pernas da gaja, toda espapoilada em cima do caco das brasas.

FILOMENA :

Não aprenderias com ninguém velhaco, que esse é o destino de quem tem ruim entendimento. Ná, não és boa rês.

MANUEL MIQUELINO :

Sou como os demais. Ora essa.

FILOMENA :

Serás. Será uma peste geral que deu a todos. E tu Raquel, olha que davas uma bonita mestra: escusas a zanga: quem me dera ver.

CELESTINA :

Pra tanto não chegariam mil cabras e mil estrigas.

VOZES :

Olhaolha a professora dos cucos. Dos cucos. Olhaolha.



RAQUEL :

Malditos. Homens e mulheres estúpidos. Almas do diabo. Voltem, voltem a perder-me que lhes leia a Nau-Catrineta. Ou que escreva as cartas que mandam aos parentes. Malditos. Almas do diabo.

FILOMENA :

Corre corre menina: linda menina: corre que nem da tua ira samos merecedores. E vós desavergonhados. Ah manhunços. Calem-me esses carejos. Suas estanhadas. Bem mais valia dar a alma ao Criador enquanto se é crente e arcanjo que vir a conhecer tanta marranada. Marranada de vida.

MANUEL MIQUELINO :

Deixe viver o pessoal como é. Que raio. Olha. Olhai a ti Mariana.

MARIANA :

Boas tardes a todos.

VOZES :

Vem com Deus. Venha com Deus.

ANTÓNIA :

A tua pequena saíu mesmo agora daqui.

MARIANA :

Jasus. Ora vejam vossemecês que a mandei levar o caldinho ao velho: há que tempos. Ai os filhos. Consumições. Mas também se não fossem eles, julgo que já me teria atirado pra debaixo de um combóio. Que Deus me perdõe a desesperação.

ANTÓNIA :

Credo, mulher, que fazes pecado mortal só de palavras. E a vida nem sempre é negruras.

MARIANA :

Pois nassenhora. Mas contam-se as horas boas.

CELESTINA :

A sorte é vária e sumítica pra todos. Tanto que quando uma alegria bate à porta, logo uma criatura correu a botar foguetes. Muitas vezes antes da festa. E tantas que não passa de rebate falso que ao depois faz rir o povo. Vossemecês lembram-se de quando a mim me constou do achado da carteira pelo nosso Joquim. Dizia-se que trazia dezenas de contos. Que pertenceria a um richaço a quem não faria falta. Folgou-se. No fim tretas. A carteira vinha recheada de papéis selados, era pertença de dono rico sessenhores que bem depressa quis o seu. E nem alviçaras. Que inda julgámos.

FILOMENA :

Só tontos riem dos enganos. Inda que sejam de rir, vá. Que toda a alegria é para se saborear aos pingos. Que enquanto dura vida e doçura. Olhai, eu, quando é da festa de S. Roque e há um pratinho de arroz doce ou de aletria, sabeis: podeis-vos rir: como-o devagar, muito devagarinho, pra ter mais tempo a doçura a atravessar-me as goelas. Doçuras da vida. Assim como assado, Mariana uma mulher nova e de saúde como tu, sem homem, é como terra de regadio sem água: fica ressequida e mirrada sem florir nem dar fruto. Acotovelais-vos brejeironas? Risadas bobas.

MARIANA :

Deixe-as folgar que de chorar têm tempo. Eu? Que hei-de eu florir ti Flomena.

FILOMENA :

Bem me entendes. Olha que me alembro da tua boda como se fosse honje: ias de blusa branca de crepe-da-china, saia preta travada, mantilha espanhola: foi ou não foi? Quando descias a nave da igreja ao lado do teu Manuel mais parecias uma rosa alexandria.

MARIANA :

Seria assim seria. Águas passadas. Há mais de seis anos que não nos escreve uma letra.

CELESTINA :

Os pequenos vão ficando crescidos. Já te ajudam.

MARIANA :

Ajudam sessenhora. Mas são crianças. A Raquel na escola e o Titónio a correr os cães, se o deixo, o jagódes. Hoje foi de ajudante, aos coelhos, com o Cristovão e o Álmiro.

MANUEL MIQUELINO :

Honje à noite, antão, é uma barrigada de guisado, ahn.

MARIANA :

De batatas e graças que não fiquemos com vontade de mais. Saiu-me um malandro, o rapaz. Na escola ninguém o prende. Inda há dias quando o reprendi virou-se contra mim como um galaroz. Atirou-me: Pra que me serve a mim a escola? Pra ler as cartas que manda o seu homem? Vejam bem, nem disse «meu pai» como de devido mas de escárneo «o seu homem», acrescentando de achincalhe: Pra tanto bonda a sabedoria da nossa Raquel que lê como um papagaio. Que ele apesar-dos repentes é um perfeito rapaz, bom, tão fino. Sim, de que nos serve a nós a esperteza e a bondade pergunto eu também a mim mesma quando me vejo mais amargurada. O pai, todos o sabem, somava e dividia algarismos que eu nem sei nomear, tudo de cabeça: que os doutores fica-

vam numa admiração: e a malvadez do povo dizia já que eram espíritos malignos. Pois seriam: que a sorte dele foi nenhuma.

CELESTINA :

Agora tem doze anos o teu rapaz: pois quando chegar à idade das sortes casa-o com um desses dianhos que aí estão na galhofa. Se ali a Hermínia te serve para nora pespega-lhe já esse par de calças a remendar. Que aprenda a botar uns fundilhos e se deixe de conversas sem tino. Vá. Vá raparigada. Aquela que as apanhar mais lista será a que o leva. E que fiquem bem remendadas e largas que é para a fazenda do rapaz folgar de vontade. Vá, tu. Tu.

FILOMENA :

Calai-vos galileia. Velhas e novas. Quanto a mim, os pobres deviam ser todos capados. Todos. Pra se lhe acabar com a má raça e sina.

ANTÓNIA :

Vossemecê tem cada uma. Quem amocharia antão agarrado à rabiça do arado?

FILOMENA :

Capados. Tudo capado. E não me atentem na língua.

MANUEL MIQUELINO :

Vossemecê fala assim de velha. Agora um homem, na força da vida, se o capassem era como matarem-no.

FILOMENA :

Bardino. Que sabes tu da porca da vida mais que agarrar na enxada e dizer brutidades.

ANTÓNIA :

Tomara uma criatura de poder amochar o ano inteiro e não ficar praqui dias e dias inerte: sem ganhos: nada.

CELESTINA :

Eu, este inverno, tem sido uma desgraça. Mais que dar uns carros de lenha ou esfregar o chão da casa da prossora. Fiar, foi tempo. Já há pouco quem queira botar as teias. Ontem lá andamos às giestas para o ti Samião.

FILOMENA :

Dobra a língua quando falares de pessoas que dormem de garruço.

CELESTINA :

E vossemecê a amolar com chufas, ti Flomena. Andou connosco, de capataz aquele doctor dos marmelos do Dominginhos — e oh senhores quanto nos rimos. Contou-nos tim-tim por tim-tim das grandezas do primo de Castel'Branco que no in-

verno paga dez reis de mel coada ao pessoal — e de seco. Tem manadas de marranos do campo, de uns que andam por devêsas — ora vejam — nessas terras os marranos andam a pastar como cá os carneiros. Debaixo das carrasqueiras afochinham à bolotra. É admiração. E ele o Dominginhos a encher a boca com as grandezas do primo que é dos primeirinhos ricalhoiços que assim e assado — e que de uma vez o pessoal foi pedir-lhe de comer em vez da jorna e sabem o que respondeu a rir-se o tal alma do diabo? «Com a galga que vós trazeis ficaveis-me a dobrar pela comida: nada: fiquem pela jorna combinado e é se querem.» E mais umas sentenças de deixarem uma criatura de cara à banda. Vai antão a Florinha retorquiou ao Dominginhos: Pois olhe que se nós cá apanhávamos sê primo a fazer pouco nesses modos davamos-lhe um mergulho além na ribeira que quem encheria o bandulho de vez seria ele. «Vai antão o Dominginhos de súpita e na reinação apalpa-lhe as mamas e a rapariga que não é pra graças de cochinas pranta-o no chão enquanto o diabo esfrega um olho: e a dizer bravia como um raio: pois pra reinação reinação e meia. Que aqui pra nós um homem de letras é mesmo um brandinho e não tem senão ronha. Ó mulheres, aquilo foi rir, rir. Há muito tempo que não apanhávamos assim uma pançada de riso.

FILOMENA :

Já que estáveis com as mãos na massa levais-lo a ele a buber alguma na ribeira. Que tudo era a mesma reinação.

MANUEL MIQUELINO :

A ribeira é de todos, carai — lá pode reinar-se à vontade.

ANTÓNIA :

É é de todos. Mas quem manda ali é o guarda a mando dos Samiões que querem o peixe miúdo e o graúdo. E ainda que fosses passarinho pedias licença que os terrenos das duas bandas são deles e eles andam de espingarda.

MANUEL MIQUELINO :

A roubá-lo também eu comprava ribeiras e la-deiras. Ora o raio.

FILOMENA :

Vozearias já escutei demais. Que ele, o Samião quando apareceu aí na força da vida, trazia um saco cheio trazia. Se matou e esfolou — quem pode aventurá-lo. Tudo são juízos temerários. Fino como um azogue isso sim.

MARIANA :

Vossemecê ti Flomena lembra-se de todos aqueles começos. Deve ter a mesma idade.

FILOMENA :

Perdi o conto dos anos — mas sim, lá anda ela por ela. Quando o vi pela primeira vez era



ruço de trigo maduro, agora é ruço branco: nunca foi bonito mas as morgadas casadoiras e mesmo as serôdias eram todas a mim a mim. Elas punham as terras e pertenças ele os dinheiros: oiro sobre azul. Lá foi tudo a contento porque a senhora Quininha era a maior fortuna dos sítios. Inda houve quem aventurasse que a bolsa das libras chocalhava a patacos. Seja como for, antes ou depois, a criatura encheu-a como queria. Escutai. Oiço vozes.

MARIANA :

É o ti Almocreve. Sôa o pregão das bandas da taberna. Jásus! A povoação parece amortalhada. E que frio Mãe Santíssima. E o meu Titónio lá anda atrás das lebres que outros hão-de comer. Criança. Inda anda no mesmo livro da irmã. E não é por ser bruto. Que eu digo e torno a dizer — pra que nos servem a nós leituras. Sabedorias. Os que se apanham com algumas luzes vão todos por esse mundo de Cristo a fazer medrar a terra alheia.

CELESTINA :

Mas também quando tornam, benza-os Deus, nem parecem os mesmos e uma pessoa olha pra eles no mesmo respeito com que mira uma senhor-padre ou senhor-doctor.

ANTÓNIA :

E tu Mariana, talvez o teu homem te apareça num dia destes, feito farrumba de rico. Bom fôra

que assim sucedesse para reprimir o teu rapaz. Tu queixas-te — mas havias de oívir as respostas que dá a uma criatura.

RAPARIGA :

O seu Titónio, ti Mariana, roubou os ovos à ti Cramela e ela diz que vossemecê lhos há-de pagar.

MARIANA :

É o pagas. Se calhar roubastes-los todos de carava.

FILOMENA :

Por patifarias de canalha brava não te rales tu mulher. E a Cramela é uma sovina, uma ladra. Toda a vida metida com doctores de leis. A puta. Todos conhecem o ditado: quem rouba a ladrão: e eles, os ovinhos sabem tão bem aos velhos, que fará às crianças.

RAPARIGA :

Foi o seu Titónio. Eu vi-o tirá-los do bolso, furá-los e bubê-los. Bubeu três uns a seguir aos outros.

FILOMENA :

Fez bem o rapaz. Faz bem a canalha. Eu cá me entendo.

RAPARIGA :

Nascem sapos do cuspo da ti Cramela. Eu de uma vez: ela ajoelhada na igreja toda de merinos: puz um dedo no rosário dela. Ui. De noite sonhei que em vez da cruz tinha o diabo. Tem feitiço.

FILOMENA :

Diabos, feitiços, feitiçarias, bentanários, abrenúncios. Eh miséria.

MANUEL MIQUELINO :

Tem feitiço tem mas é para os doctores que esses também têm outro mel.

FILOMENA :

Talvez nem sejam da raça de uma pessoa. Salvo o devido respeito e com vossa licença, um doctor não vai a campo porque faz em casa o cochino; nem bafeja a cebola crua porque a come guisada de cambolhão com bons cabritos e frangos. De outra raça, pusera. Isso também a Cramela. A coira.

MARIANA :

Como neva, Senhor. Daqui a nada está de palmos.

FILOMENA :

Não fosse o frio diria que é uma beleza. E é Santo Deus.

MARIANA :

Nem esterco nem lamas. Apenas brancura.

MANUEL MIQUELINO :

Cá por mim, carai, ia-se aos currais buscar lenha e apichava-se o fogo na Quintã. Aqueitava-se todo o povo como em noite de Natal.

FILOMENA :

Noite de Natal para os pobres há só uma em toda a roda do ano.

MARIANA :

Lá vem o Emídeo. Jasus. Talvez da caça. Quem sabe se terá topado com o meu Titónio.

VOZES :

Os enleios. Bbbbssss. Não vai mal a caça da criatura nassenhora. Bbbbssss.

EMÍDEO :

Ora viva a gentiaga. Santas tardes.

MARIANA :

Não viste o meu Titónio?

EMÍDEO :

Sessenhora. Andava com com os outros à lapa do Martinho. Traziam os furões.

MARIANA :

Bruto. Por lá gelado de todo, o alarve.

EMÍDEO :

A andar por bandorriais aqueenta-se como lambrá. Quem quiser calores deixe-me chegar. Tu Laura estás com frio? E tu Hermínia? Eh rapari-gada! Aqui com a ti Mariana nada de chalaças. Que é víbora.

FILOMENA :

Vejo e oiço mal mas inda percebo cotoveladas e gargalhada a mais. E tu perdido, deixa-me o mulheredo em paz. Ou sais a tê pai que enganou tua mãe antes de a receber. Mais vário que a folha do ólimo.

EMÍDEO :

Qual vário. Que enganos. Enganaram-se os dois se calhar. Deixe viver ti Filomena. Vejam como espertigotam. De contentes. Como galinhas no poleiro quando têm galo. Almas do diabo! Quando aqui cheguei parecia-me que velavam algum defunto.

FILOMENA :

Olha velávamos a porca da vida. Lá tino e sabido em certas coisas és tu. Mas de esperto perdes o norte. Deixa-me o mulherio. Estou farta de oivir essas arveolas.

MARIANA :

Vou indo aos meus afazeres. Fiquem com Deus.

EMÍDEO :

Onde vai vossemecê ti Mariana? Não quererá uma demão no serviço? Se vai ao palheiro posso ir consigo.

MARIANA :

Vai à tua vida que eu irei à minha. Não preciso de ajudantes pra nada, ouviste? Pra nada. Inda te ris demónio.

EMÍDEO :

Arre diabo, pra vossemecê mais parece que a vida é morte. Podem contar-se as vezes qua faz boa cara a uma pessoa.

MARIANA :

Que boa cara hei-de eu fazer, se comigo a porca da existência, dia a dia se torna mais negra. Como a morte. Tal qual disseste bem. Que boa cara, que inferno!

ANTÓNIA :

Uma pessoa nasce pra sofrimentos. Não julgues que és só tu.

CELESTINA :

Inda a procissão vai na praça. Haveis-de oivir a ti Ufrásia. E que seria da pobreza sem nosso-Senhor.

EMÍDEO :

Raio. Pois eu não acredito nessa danação toda. E nosso-Senhor se lá está na alturas dos sete-céus bem sossegado tem vivido com as desgraças do pessoal pois há mil e mil anos que não deu sinais de Si.

FILOMENA :

Por muito bem que digas é melhor calares-te. Não atentares a Deus com heresias que o Diabo rafeiro é e esse não tarda com os recados.

EMÍDEO :

Sessenhora, calo-me. Vossemecê inda ouve o combóio apitar? Pois é meu primo maquinista que passa na Estação da Freinêda. Mais enfarruscado que um Belzebú. Esse sabe-as melhores. Que nosso-Senhor lá nos celestiais domínios não gosta das vistas profanas dos pobres. Que lhe arrescendem. Ele é um senhor todo grave, quere-se com graves. Que o inferno é aqui. E outras coisas. Sabe que mais: se as contas que boto à vida me saírem furadas mais dia menos dia abalo.

FILOMENA :

Pois abala. Mas não queiras fazer nenhuma desgraça antes de girar. Com razão o diz a Ufrásia, não tardará que este seja um povo de velhos e algum mulhero. Até crianças levam já a servir para as cidades.

EMÍDEO :

Que culpas tem uma criatura de nascer em má hora e ruim cama?

FILOMENA :

Nenhumas. Por mim também as não tenho. Quereria amanhar em paz e saúde um bocado de terra, colher os frutos e ver-vos crescer. Inda sou rija. A terra. Dizem que Deus a deixou para o bem geral. Que sim. A mim destinou-me dois barrocos e uma chanca pra feijões. Pra que queria eu mais se depois terei a fartura de largueza ali no chão-dos-três-bicos? Que até no cemitério temos o mais esconso das redondezas. Que a abundância seja de paz eternal: nunca mais ter frio no corpo nem a barriga a dar horas. Isso abalai. Abalai todos, os novos. Fugi deste inferno. Ide-vos. Ide-vos.

CELESTINA :

No Verão anda uma criatura mais refeita. Agora meio penso para vivos e pessoas; e frio e mais frio a agulhetar-nos os ossos.



FILOMENA :

Alembrai-vos do António Lameiras? A mocidade já o não conheceu. Enforcou-se no pau das lares numa tarde assim de nevão. Esteve sentado ao lume durante horas sem fazer raça de serviço nem botar uma palavra. Cismático com a morte A mulher ia e vinha, granizava com ele. Nada. Ela saíu a deitar de comer aos marranos. Quando voltou, encontrou-o a bailar por cima da terra firme. O padre nem o quis enterrar por ser homem naufragado nos infernos. Quê. Que sabem os padres a não ser papejar o latim das missas e baptizados? Que percebem eles de céus e de infernos ou sequer de purgatórios. Já lá entraram? Os que morreram sim. Bonda ver o que assucede com eles e o mulherio nas sacristias. Ou o inferno não é para eles? Há-os que também se matam. Logo o de Selorico. Cortou os gargomilos como qualquer mortal. Quê. São criaturas como as demais.

CELESTINA :

Se a pessoa nas últimas se arrepende então...

ANTÓNIA :

Mas a família do Lameiras viu-se nas vergonhas. Nem lhe deixaram abrir a cova em campo santo. Mais tarde, sim, a sepultura foi benzida porque o terreno de sagrado já não dava para tanto povo.

EMÍDEO :

Vossemecês são piores que corujas. Sempre a carpir desgraças. Eh raparigada, logo à noite fazemos um baile na sala do ti Esteves e leve o diabo tristezas. Quando um homem morrer morreu, chora-se na ocasião.

FILOMENA :

Terás razão diabo.

MARIANA :

Aqui fiquei a ouvir. Vou indo. A ver se acendo o lume ao velho antes que a noite caia de todo.

## QUADRO IV

Rua da Ronda. Quase lado a lado Mariana e Emídeo. Ela, de cabeça baixa, um maldisfarçado sorriso sob a máscara de zanga, lenço preto a tapar-lhe meio rosto; ele mirando-a entre tímido e atrevido. Pararam, de-súbito, a sorrir-se constrangidos. Ele num repente quis abraçá-la; ela esquivou-se rápida, vibrante, entre a raiva e o chôro; depois a olhá-la, sem reservas, incontida volúpia a bailar-lhe no lume dos olhos, num estonteamento, como quem mergulha num abismo. Um instante apenas e desviou o olhar, fitando o chão, os tamancos humildes plantados na neve pisada; e o sorriso a morrer-lhe nos lábios, encolhida no xaile, desamparada e patética.

EMÍDEO :

Era como se fossemos casados. O seu homem já cá não torna. E que torne. Retorna. Vossemecê não tem culpas das voltas da vida.

MARIANA :

Cala-te. Sou uma mulher de vergonha na cara.

EMÍDEO :

Ninguém diz menos disso. Por nos ajuntarmos vossemecê não deixa de ser quem é.

MARIANA :

Achincalhada por todos? Se já murmuram só porque me olhas. Não. Nunca. Que Deus me livre de tal. Quero que me respeitem como mereço.

EMÍDEO :

Se uma pessoa vivesse só do respeito alheio.  
E eu quero-lhe bem, tenho-lhe afeição. Quando  
a vejo...

MARIANA :

Cala-te. Não sejas a minha perdição. Deixa-me.  
Deixa-me em paz com o meu degrêdo.

EUFRÁSIA :

Veremos por quanto tempo te escapas ao democaró. Lobishomens! Mulher. É como se foras viúva na flor da idade. Ah nem que te benza e escorrace o Lucifer. Ele torna, torna sempre. Ahah. Tempos em que eu por dez reis de melcoado — nunca fui ladra como essas fingidas de santarronas: que agora são à dezena — sim por dez reis de nada, uma regaçada de batatas, uma choiriça quando muito, jesus, do que eu os livrava! Da hora derradeira, que está marcada, é que não. De paixões, ciumeiras, essas, antão, nem com mil cruces e mil trãgladanças. Que eu a assoprá-las e elas a tornar, eu a assoprar e elas mais assoberbadas, eu a assoprar... Quê! Oitra vez o Miguel Almocreve. Traz peste de fome negra. E eu? Canto eu porventura farturas? Choro forme parda de maria-parda. E parda que é a fome a roer, sempre a roer, que nunca se vê saciada de roer, a roer a roer. Te escapas Ufrásia com a tua regaçadinha, uma miséria de batatas, uma morcela e vá.

## QUADRO V

Raquel, faces em fogo, meias encarnadas, chegara esbaforida à entrada de um curral desmantelado onde se via uma cabra presa por uma corda debaixo de pequeno cabanal. O cortelho dos porcos, vazio. Escancarado o portal que dava para a Rua da Ronda. Um monte de lenha, um cêpo, uma escada de pedra, toscas, de acesso à casa de janêlos de buracos remendados de riscado azul. Por baixo, nas lojas: dois portais lado a lado, de alpendres cobertos de laje: numa delas, o burro enfezado; na outra o ti Anselmo deitado num catre. O burro que viera ao postigo ao sentir os passos de Raquel, ensaia um zurrar de contentamento. A cabra acompanha-o num mé desinteressado, sem solidariedade. A voz rouca do velho fez-se ouvir:

ANSELMO :

Quem está lá?

RAQUEL :

Sou eu, a Raquel. Dá licença?

ANSELMO :

Não é sem tempo. Mas entra, vai entrando. Ah, que Deus te abênçoe.

RAQUEL :

Trago-lhe pão e um púcaro de caldo.

ANSELMO :

Chega-te. Não tenhas receio. Estou morto. Mais que morto. Inda se um homem se fosse de vez. Mas ficar entrevado, sem ninguém que lhe chegue uma sêde de água. O pior são os animais, a cabra e o burro. Vá, deixa-me ver o caldinho.

RAQUEL :

Tome.

A criança ficou parada, muito séria, a olhar o homem soerguido na cama alta de bancos: um travesseiro encardido, as bordas da enxerga esfarapada donde saíem tufo de palha; a cabeça escanifrada do velho emergindo nítida do meio das mantas e cobertores às riscas — um rosto afilado, de barba esbranquiçada que mais se afiguraria mumificado não fosse a mobilidade febril do olhar. Raquel aproximara-se em pontas de pés, estendendo a comida de longe, corajosa no seu mêdo. Num gesto desajeitado, na sofreguidão da comida, o velho agarrou-lhe a mão juntamente com o púcaro e ela a escapar-se, rápida, olhos muito abertos, assustados. Murmurou «meu Deus», depois sorriu, os olhos azuis de flor-de-linho, vendo o homem levar o púcaro à boca e engasgar-se a sorver o caldo — e mesmo assim não parar de sorver.

RAQUEL :

Está a nevar.

ANSELMO :

Bem me quis parecer. Tenho tanto frio. Nem moro na casa de cima por me parecer que ao lado dos animais estaria mais quente. Quê. Tolhido de todo. Se nosso-Senhor se lembrasse de mim era uma esmola. Não sei se tua mãe chegou a trazer comida aos pobres animais.

RAQUEL :

Eu tratava bem da cabra se vossemecê me deixasse levá-la para a nossa corte.

ANSELMO :

Dar o que tenho antes de fechar os olhos pra sempre? Morrer como um pedinte das portas? Não me hão-de encontrar senão o cobertor e a manta de farrapos que tenho em cima do corpo? Olha que quem o seu em vida dá... Não é que não mereças — e a cabra há-de ser pra ti. Ai. Tenho os pés geladinhos de todo. Se me aquecesses a telha nalgum resto de borrarho. Toma o púcaro. O caldo deu pra meia fome. E o pãozinho? Ahah! Não é lá muito grande o caroilho mas enternece tê-lo na mão. Guardo-o aqui debaixo do travesseiro pra quando a fome apertar de mais rijo. Soubeste notícias de teu pai pelo Manuel Jerónimo? Diz'que chegou rico. Que lá teu pai sempre foi fino: mas cismático. Eu predisse: nunca passarás do pé de pessegueiro. Há criaturas assim. Da má sina. Como teu tio. O mesmo. Quando por aí andavam os dois: teu tio que morreu nas Hespanhas da banda dos

vromelhos: sim ambos e dois no caminho do contrabando, poucos lucros viram. O que ganhavam por noite numa carga de trigos e pólvoras, perdiam-no depois na cadeia, resfriados, anos de vida. Multas. Ná, a mim tal ofício nunca me quadrou. Eles iam na cantiga. E olha que quer um quer outro eram da raça daqueles a quem a enxada mordida. Gostavam da vida ao alto, feitos paus de virar tripas, a dizer mal dos ricos: que um homem não nasceu pra escravo e coisas que nem repetidas. Viu-se a sorte deles. E tua mãe?

RAQUEL :

Não sei.

ANSELMO :

Nas poucas vezes que aí vem trazer-me a comida, acende o lume e vai-se. Podia tratar-me nas palminhas que inda é parenta — mas isso sim. Manda-te a ti, é certo. Ah, quando te vejo entrar aquela porta pra dentro, sabes o que me alembra? Uma pérola, nem mais, uma pérola na concha. Ou uma lambra que baila e pula. Vejo-te rir de alegria. Não tens o mais pequeno dó da minha desgraça. A infância é assim: uma fagueira desumanidade. E tua avó? Rija. A essa não há mal que a derrube. Dianho de velha.

RAQUEL :

Minha avó ficou ao lume a fiar. Oooh, ela já fiou mais de mil e mil estrigas. Muitas mil.



ANSELMO :

Lembro-me dela de menininha como tu. De uma vez a gritar ao eco na Fonte da Moira. Bons tempos esses em que eu não passava também de um catraio e ia guardar as cabras a ti Zefa do Cura para a Fonte da Moira. Inda se vê coberta de limos? Antigamente a Moira vinha ali bailar em certos dias, ao dar da meia-noite, diziam uns, pelo pino do sol aventuravam outros. Os que a enxergaram, contam que era tal qual uma espanhola airosa de faces tingidas de carmim, saia rodada de folhos, sapatos de biqueira afiada. Sempre cismeie que um dia havia de vê-la como gabarolavam os demais, e esperei-a: esperei-a pela negridão do escuro e à claridade do dia tocando músicas na minha flauta de cana: que ela, diziam, gostava de oivir toque e bailava. Qual. Nada. Nem sombras de Moira. Olha de uma vez em que eu estava mais enlevado, as cabras saltaram-me para o horto do pai desse Ambrósio, o velhaco — e à noite foi darem leite até dizer bonda. Paguei um par de jornas por causa da manginação. Ah, o filho tem a quem sair.

RAQUEL :

Eu não acredito em moiras.

ANSELMO :

Oooooohhh. Se eu não acreditasse em tudo o que fui e se foi, que restaria? Ai, estou morto, mais que morto. Se arranjasses uns chamiços e me acendesdes uma fogueirinha. Deixo-vos tudo, tratai-me

bem. A horta dos Vaizinhos é uma chanca, bem sei, mas produz que é um mimo. E a cabra, o dito está dito, fica pra ti. E o pobre do burro aí o tens para alombar. Desconfio que inda honje lhe não trouxestes raça de comida. Olha aqueenta-me a telha nalgum borralho. Bem debaixo das cinzas.

RAQUEL :

Sessenhor.

ANSELMO :

Jasus-Maria-José que frio.

RAQUEL :

Tivesse vossemecê ficado no asilo. Lá, as pessoas vivem como os fidalgos: comem cada um em seu prato e têm barras para dormir.

ANSELMO :

Quê! Leve o diabo todos os asilos. Que os leve Satanaz e Belzebú. Asilos! O dono é um tal doctor Zèzinho, rico e aparentado com outros ricos, claro. Uma data deles: tantos! Nunca na minha vida vira tantos graves juntos como quando foi da inauguração lá de um cemitério com um morto do asilo e tudo. E eles, todos a assermoar, que sim, que era obra de mérito, que não havia melhor. No fim da função do enterro, botaram medalhas ao pescoço do tal doctor Zèzinho e depois do banquete passearam-se regalados praca e prala plo

meio das leiras de batatas e feijões. Admirados. Lá isso! Uma quinta como sete-léguas e bem tratada. Que quem traz aquilo num brinco são os velhos e velhas do asilo sem ajuda de vivalma de fora. De graça, claro. Que se uma criatura come por esmola e caridade, paga em trabalhos. Ora come. Comidas que nem viandas. Nem as viandas que se dão aos marranos. Sacana do doctor Zèzinho, só queria que visses como aquele baila-bonecros obrigava a dar de si tudo o que restava de forças a uma pessoa.

RAQUEL :

Obrigassem-no a pagar a jorna de seco.

ANSELMO :

Não percebes, criança?! Não entendes o conto do vigário? Os tais graves dizem que fazem a esmola, e uma criatura paga com o suor do seu rosto.

RAQUEL :

Então vossemecê fez bem. Fugir do asilo. E esse tal grave é um ladrão e pronto. Sabe, eu já tenho quinze tostões das esmolas que dão nos entêrros. Quando morrer o senhor Semião que é rico, recebo dez tostões. Faço assim como quando minha mãe era pequena que punha um xaile e subia para uma pedra a fingir de crescida. Talvez dêem vinte e cinco tostões.

ANSELMO :

No meu entêrro é que tu não fazes fortuna. Tostão a crianças, dois tostões a maiores. Que também não quero ir como quem é levado no caixão das almas. Deixo-te a cabra que mais queres. É a rainha das cabras na leitança se a tratarem bem. Ai meu povo meu povo, dele me vem o único consôlo da última agonia. E leve o diabo os asilos que não vai rico.

RAQUEL :

Aqui tem a telha. Bem quente. Vou-me embora.

ANSELMO :

Ui calorzinhos da minh'alma. Escuta, é por lá já noite fechada?

RAQUEL :

Inda há lusco-fusco. Ih, uma coruja no cimo do seu cabanal. É agoiro.

ANSELMO :

Dizem que sim. E de morte. Aiai.

Todos os pássaros bebem água  
Só a coruja bebe azeite

Não conheces o calandório? As crujaas são figuras do diabo, chupam o azeite da lamparina do

Santíssimo. Agoiro de morte, claro. Não é o mês das crianças. É o mês dos velhos. Mas bem pode acontecer que seja criança.

RAQUEL :

Vossemecê reza todos os dias a tal oração de entrar no céu?

ANSELMO :

Rezo quando calha um padre-nosso. Quê. Com oração ou sem ela os pobres vão todos direitinhos ao céu.

RAQUEL :

Não senhor. O ti Alvito apareceu à ti Angélica a chispar fogo pelos olhos.

ANSELMO :

A Angélica foi sempre mentirosa. Que verdade se diga, o Alvito não tinha nada que matar o tio à sacholada mesmo que este tivesse posto como pôs, a Tapadinha à Delaide Galante com quem andava amigado. Olha, o mundo já de si não passa de um purgatório dos pobres — e o Alvito não inventou a brutidade que tinha na cabeça. Que oiço?

RAQUEL :

É o ti Miguel Almocreve.

ALMOCREVE :

Agulhas e dedais  
trapas alfinetes  
Atacadores e botões  
pentas de derrubar piolhos  
É de graça  
por dez tostões

Oh, inda aí estás menininha? E o velho já comeu o caldo e o pão? É rijo. Não vai desta. Pede-lhe dinheiro, ele tem-no escondido. Que eu vendo-te uma pelotra. E os contos dele, não os acredites. Patavina.

RAQUEL :

Olhe a minha pelotra.

ANSELMO :

Bruto. Pedaco de asno. Aposto que não vendeu uma trapa, nem uma meada de algodão. Quanto mais pelotras.

ALMOCREVE :

Não creias em contos de velhos. Aves de mau agoiro. Olha que se podem empontar a morte para os novos fazem-no. Que morram, que morram os velhos, fique a mocidade. Agulhas e dedais. Agulhas e dedais...

ANSELMO :

É bem verdade. A fásca não escolhe o sítio onde cair. Óôôôh.

RAQUEL :

Escute, ti Anselmo, é a ronda.

ANSELMO :

Não há dúvida, é noite.

RAQUEL :

Os homens começaram a ronda antes da ceia porque tinham frio.

ANSELMO :

Boa vai ela se enganam a fome e o frio de bate-pé e realejo. É o Emídeo? Toca bem o rapaz. No meu tempo era o Manuel Zambuba. Morreu. Tudo morre. Aaaaah. Saber que ninguém escapa: velhacos, invejosos, ricos e soberbos, ávaros como judas, pulhas como um doctor de leis. Aaaah que beleza vê-los ir, acompanhá-los à última morada. Aaaahhhh. Rezei o responso por alguns. Se rezei. E a rir-me por dentro enquanto as pázadas de terras tombavam em riba. E há um, que não nomeio agora, a quem cuspiria na sepultura como se fosse espojadeira de burro. Não julgues que é o Almo-creve. Esse é um pobre diabo, meio poeta, sempre de terra em terra a comprar e vender — até peles de coelho — a ouvir e contar fantasia.

RAQUEL :

Não são mentiras. Tudo o que ele conta vem escrito nos livros e no jornal da Senhora.

ANSELMO :

Jornais. Escrituras. Assim eu apanhe o céu tão certo como esse escrivões são uns papa-hóstias iguais aos da justiça, a contar lérias pra ver se apanham alguém no conto do vigário. Assermeoa esse borda-de-água do Almocreve que já anunciam rumédios contra a mortidade. Tretas. Também nas feiras, uns inzoneiros. Eu sempre tive para comigo que inda que real fosse, recusava. É como nos pactos com o demónio, que quem fica a perder é o pobre mortal. Ai penas de penar. Morte e juizo final. Ninguém afuja.

RAQUEL :

Vossemecê já está confessado e sacramentado. Se calhar morre antes da festa de S. Roque. Os mordomos encomendaram mais de mil foguetes.

ANSELMO :

A minha hora soará quando soar. Inda posso andar por cá muitos anos. Que estar confessado e sacramentado não tira nem põe. Mas bonda, pra mim bonda do safardana de mundo. Bem. A história é que uma criatura gosta de por cá andar enquanto anda, aí tens. Mas o que aprendes tu na escola? Contos da velha-ó-sol?

RAQUEL :

Na escola aprendo tudo. A Terra é redonda!



ANSELMO :

E que mais dá que seja redonda ou bicuda. Aiai! Mal damos por ela e eis-nos chegados ao fim sem saber pra que foi tanta atoadá. Aiai. Que rumédio quando a duração se nos finda. Olha tu, não deixes vender a cabra amarela: é uma cabra leiteira que todos os anos páre um dois chibinhos. Chega-te aqui, toma: compra-me uma botelha de vinho. Resta um tostão para ti. E repara-me na medida: todos os taberneiros são uns gatunos: e não é só no baptizo do vinho. Tens a botelha dependurada do prego da candeia.

RAQUEL :

Bem diz minha avó. Que com os pés para a cova, mesmo assim, os homens só pensam na pinga. Não tem medo de ficar debaixo da terra? Ui... Não fala. Se calhar está morto. Ui... Mexeu a mão. Está vivo. Ui...

ANSELMO :

Crianças. Morto. Mais que morto. E não fosse a pinguinha... Medo da terra, essa é boa! Só ela é digna de existir, monstro sagrado que come o corpo das criaturas e reverdece em flores e frutos e bicharada. Dizem que tirada a alma tudo é carne. Cá por mim não há distinção. Tal qual uma maçã reineta e o cheiro que bota: ninguém me convença de que o cheiro não seja uma parte da maçã, como a luz do sol, sol é também. Nem sei se blasfemo. Que depois de homem morto, passou a

espírito, e tem séculos e séculos de santidade até à ressurreição. Quando volta a ser pessoa de corpo. Já purificada. Julgo que contam assim os padres quando falam no descanso eterno. Uiui. Vida. Raio de vida. O único bem e o único mal que uma criatura conhece de verdade. Uiui. Estou tolhido de todo. Dá-me uma ajuda Raquel. Raquel! Foi-se a garotinha. Que me traga, que me traga o vinho e bem de-prensa. Ai alegrias.

MARIANA :

Dá licença, ti Anselmo?

ANSELMO :

És tu? Pois julguei que nunca mais. Tenho frio e nem raça de lume. Inda pedi à Raquel mas isso sim! A cinza mal deu para aquecer uma telha.

MARIANA :

Que quer vossemecê. Neva. Todo o mundo tem frio. E se fosse só isso. Trago um braçado de lenha. Faço o que posso que a mais não sou obrigada. Nem vejo o fole. Assopra-se. Inda hoje não parei senão para remendar umas calças do nosso Titónio.

ANSELMO :

Ninguém diz o contrário. Nem eu quis assermear-te. E o Emídeo? Olha tu não vás em paleio. Sabes o que são os homens. E o povo murmura.

MARIANA :

Que quer vossemecê que eu faça? Se o povo murmura é porque tem a língua porca e comprida. Mal inda não fizemos, a não ser que mal haja em dar palavra a outra criatura. Miséria! A verdadeira desgraça está em se vir ao mundo, não sabendo uma pessoa como levar a vida direita pois que a vida é torta. E amaldiçoada.

ANSELMO :

Consta que esse filho da puta te mercou um lenço de merino.

MARIANA :

Mentiras. O lenço comprei-o eu com o meu dinheiro. Ele estava presente, é certo. Posso proibir as pessoas de estar onde estão? Ou onde gostam de estar? Malvadez. Criaturas sem um assômo de vergonha no que dizem. Almas do diabo!

ANSELMO :

Pois será como dizes. Apenas nos resta a ruindade. Se o teu Manuel voltasse bem faria. Tem vergonha de aparecer pobre como marchou, ou então avezou-se a esse viver a modos que de cigano. Que fala as línguas estrangeiras em praças públicas, dizem-no ora triteiro, ora como o irmão, teu cunhado que morreu nas Hespanhas. Olha, vai à Ufrásia, de todas as mais entendida. Diz-lhe que cruxifique o bonecro: sabe-se lá se aquilo não é alguma raça de danação.

MARIANA :

Deixe-se de tal história, ti Anselmo. Ele que volte quando lhe der na gana, se der. Eu, se quer que lhe diga, já nem sei se ele é bonito se feio, se manco ou escoreito. Deixe-me. Deixem-me todos. Cruxificada ando eu com os meus degrêdos: pra quê os bonecros da ti Ufrásia.

ANSELMO :

Os meus filhos saíram de outra casta. Livraram-se da miséria, sessenhora. Olha que aquilo são terras. Só queria que ouvisse a última carta que nos escreveu o nosso Francisco. Bem notada. Mandava-nos quinhentos escudos e perguntava se não precisaríamos de mais. Quê. Mandámos logo escrever uma resposta explicada a dizer que nos bastávamos de posses. Que eu sempre desconfieei que essas riquezas, por lá, a maioria não passam de meia pobreza. E de que serviria chorar misérias para longe? Bem bonda os trabalhos que eles devem ter passado. Inda nos falaram em carta de chamada, que nos mandavam ir. Quê. Já nos sentíamos velhos e acabados pra brasis. Tropeços. Ná. Aqui gastáramos as nossas forças aqui deveríamos finar-nos. A nossa Maria pouco durou a seguir. Inda fez um queijo da grossura de uma roda pra dar de peita à Leocádia que nos notara a carta. Mulher entendida na escrita e em leitura. Há um rôr de anos que é ela a ler os mistérios do terço. Sabe-os de cor é verdade. Olha Mariana, haja ao menos saúde que tudo se arranja, inté de comer.

MARIANA :

Com o cheiro dos pitéus lá anda o nosso Titónio a correr a folha atrás das lebres. Jesus! E o bardino do Guarda no povo.

ANSELMO :

Em vez de espingardas mete nas mãos do rapaz uma enxada. Aconselho-to. Se for da raça do pai e do tio, com cismas de igualdades, estás bem aviada. Olha que de pequenino se torce o pepino.

MARIANA :

Enxadas. Com um tempo destes. A terra amortalhada de branco...

ANSELMO :

Diz'que sim, que neva. Daqui só vejo escuridão. Ó escuridão de viver! Quem me viu e quem me vê. Não foi em vão que o Samião me crismou de «mestre-da-agricultura». Naquele tempo achava-a uma bonita alcunha, mil vezes mais bonita que o meu nome de baptismo. Lá o Samião conhecia da marosca: que com gabações um homem dava o corpo a rebentar. Seja como for inda há-de nascer o primeiro que me ganhe a perceber as ronhas da terra, a velhaca, que nos dá à luz pra nos engolir de seguida. Esfaimada. Raio. Que valeu um homem no fim de contas?

MARIANA :

Tanto como um caracol. E é andar prá frente.

ANSELMO :

Sabes o que me alembra o pessoal que vem ao mundo? Uma companhia de triteiros. Nem mais. Representa, representa e chega ao fim, que adiantou? Sim!...

MARIANA :

Nada. Riu-se e chorou, que mais havia de adiantar. Talvez o meu homem esteja na razão. Meter-se a triteiro de verdade, por lá, nas praças estrangeiras. Mandar tudo o mais à fava.

ANSELMO :

Mulher, tivera eu a tua idade! Ah, já tenho fiturado esse voltar a rapaz. A botar-me com ganas às molhadas na Tapada dos Clérigos da Casa Grande, vinte ou trinta mulheres atrás de mim com as foices. Sempre gostei do Verão. De andar de manujeiro. Dias e dias na sega. Depois as malhas, o grão sádio a escorrer-nos das mãos: um mimo: a prometer farturas de pão e novas searadas a abanar ao vento enfeitadas de papoilas. Eu inda de mangualde. Ai tempos!

MARIANA :

Das farturas e searadas dos ricos. Como agora. Mas vossemecê é rijo: há-de ver muito verão e verões.

ANSELMO :

És capaz de ter razão. E que Deus me perdõe a fraca pressa de entrar em seu Santo-Reino. Que será primeiro Purgatório. Jasus! Que rica fogueira fizeste! Bem-hajas. Deixo-vos os Vaizinhos e o burro. Sois de família afastada mas não me desdigo. Lá está escrito nos papéis da Vila. Se os nossos não reclamarem. Julgo que não. A casa fica pra meu sobrinho, um valdevinos, bem sei, que nunca me chegou uma sede de água. À pequena deixo a cabra amarela. Mandei-a por um botelha de vinho. Não deve tardar.

MARIANA :

Se não encontrou carava. Uma criança tão fina, santo-Deus! Mas que adianta? Sim, que adiantamos nós todos, finos ou brutos, pergunto-me a toda a hora. Bem, vou-me à vida.

ANSELMO :

Se topares o Miguel Almocreve, que topas, diz-lhe que passe por cá. Que lhe merco uma torcida para a candeia. Assombra-se-me ouvi-lo...

MARIANA :

É a rapaziada à ronda.

ANSELMO :

Na Quaresma irei com eles cumprir uma promessa. Entoar as almas. Que inda lembro bem o

latinório. E não julgues que não tenho voz como qualquer para cantar a Ladaínha. Santa Maria, ora pro nobis; Regina Pecatorum, ora pro nobis; Virgo Virginis, ora pro nobis; Consolatus Afflictorum ora pro nobis. E o mais. Ora vês?...

MARIANA :

Sessenhor. Como qualquer. Fique-se com Deus.



## QUADRO VI

EUFRÁSIA :

Hão-de morrer muitos antes dele. Velhorro e velhorros. Ôôôôhhh. Facadas. Tiros, Anjos direitinhos ao céu. Ai Senhor. Ôi senhores. Anjos. Anjos costumam finar-se de Verão. Mariana. Oh Mariana! Ah, desgraçada não ouves. Não queres oivir-me. E praquê. Dianhos. Oh agoiros infernais. Vá de retrum va de retrum. Dianhos. Dianhos. Democaros va de retrum. Vou-me. Me vou. Pra onde? Por onde? Pra onde? Afujo-me daquele.

ALMOCREVE :

Agulhas e dedais. Mas que escuto? A Ufrásia? Resposos? Abrenúncios? Talvez o Anselmo. Reza por dias soalheiros. Não morre desta. Cá me parecia. E não vem longe o Março-Marçagão. Ahaahh. Um benza-te Deus quando ele rompe por aí com luzes, águas e passaredo. Ou mais pra Abril. Ou Maio. Até lá, os velhos ficam enovelados ao lume e as crianças, oh, essas é pra onde lhes dá. E pulam e correm e cantam. Cantam. Cantarolas de lindo cantarolar. Olha, lá vejo eu a Raquel, feliz como um cágado na concha. Nunca vimos um cágado é bem certo. Oiriços sim. Oiriços oiriçados. De cesto leve. Deixou tudo ao velho. Que mais comeria se mais lhe trouxessem. Como o ar se empanturna de neve, Jasus, Jasus. Tudo pode empanturnar-se, a própria natureza ter os seus festins, só uma criatura de Deus, nada, cruces na boca. E a outra criança? Ah, é a Sílvia da Aurora. Ui

coitadinha, sem cores, enfezadinha, os tamancos rotos; toda encolhida contra o batente da porta. Antolha-se-me que tem mais frio e mais fome do que eu próprio. Jasus. Estás a chorar, Silvia? Que tens?

SÍLVIA :

Minha mãe bateu-me, a alma do diabo.

ALMOCREVE :

Ora, todas as mãe batem nos filhos. Que se há-de fazer?

SÍLVIA :

Alma de trezentos diabos. Escute, vossemecê não sabia? passou por aqui a Raquel. Contou-me que para a festa, a mãe dela, lhe compra um vestido de organdim bordado, igual ao da Francisquinha do doctor Benjaminzinho. Será verdade?

ALMOCREVE :

É bem capaz é. São coisas da avó. A ti Antónia Lourença tem ali o ver dos olhos e algum amea-lhanço. Foi mulher que sempre gostou de preparos e berlindes. De trazer a família bolidada. Teve pouca sorte com os filhos...

SÍLVIA :

A grande descarada da Raquel. O pai dela era contrabandista, luvava tiros, esteve na cadeia — e

agora dizem que anda de comunista. Foi a senhora Delaidinha zeladora que mo disse. E não mentia. Atirei-lho à cara: pois sabe o que me respondeu? Que as cadeias eram de toda a gente, pobres ou ricos, e que mais desprezo era andar a servir como mê pai. Veja a pouca vergonha. Todo o mundo sabe da mãe dela...

ALMOCREVE :

Ora, vergonhas e desprêzos pra gentes pobres... Olha, a nós, os pobres, todo o mal e todo o bem nos assenta como luva. A vida é danada pra todos. Mas deixa lá. Em arribando o Verão teremos far-tanças. Sei de uma cerejeira nova que começa a dar este ano: não digas a ninguém: que logo que pintem, aviso-te.

SÍLVIA :

Os outros dão por ela primeiro e comem-nas todas inda no verde. Verá. Não tenho sorte nenhuma. Maldeçoada a hora em que nasci. É andar praqui e prali à horta e à fonte, ao ribeiro e à lenha e inda por cima com os nossos garotos ao colo. E frio, Jasmus!

VOZ FEMININA :

Sílvia. Oh, Sílvia! Alma de trezentos milheiros e um. Deixo este coirão a tomar conta da vida enquanto vou empalhar o vivinho e quando volto encontro a massa do pão toda comida. Inferno. Ah inferno! Há mais de um mês que nesta maldita

casa se não prova mordo dele, e um miserável alqueire — e de empréstimo — que tinha a fintar, estes lobos comem-no de uma assentada. Comem-me a massa crua as bestiagas. Ah diabos. Ah diabos das profundas dos infernos. Jásus senhor nos acuda. Diabos!

VOZES INFANTIS:

Tínhamos fome. Fome! Foi a nossa Sílvia. Ela começou. Foi a Sílvia, senhora. Foi ela, a nossa Sílvia.

SÍLVIA :

Ouve-os, aqueles danados? Escuta o berreiro deles ti Miguel? Agora gritam e atiram as culpas pra riba de mim. A massa inda estava mal finta. Assémo-la nas brasas. Ui. Tenho tudo a revoltear na barriga.

ALMOCREVE :

Toma lá um rebuçado. Um rebuçadinho sabe sempre bem. Toma, pega.

SÍLVIA :

Vossemecê dá-mo dado?

ALMOCREVE :

De graça, pois antão. Olha, os meus negócios do dia foram todos iguais. Não vendi nem um

alfinete para amostra do pano. E tu, lembra-te de mim quando descobrires o pote das libras escondido na Fonte da Moira: não as larga, lá a princesa magalona: dás-me uma pinga: uma rodelinha para uma rodada na taberna da Angelina.

SÍLVIA :

Bem pode esperr, ti Miguel: nunca ninguém descobriu o feitiço e não seria eu sem sorte nenhuma...

ALMOCREVE :

Eu queixo-me do mesmo. De que hei-de queixar-me. Sim. Também se um dia descobrisse a cantiga das malasartes sabes como a usaria? Pedia uma mesa cheia de comeretes e um canjirão de vinho maior que a tua altura; depois mandava vir o pessoal destes povos ao redor e toca a faltar e toca a mandar vir mais de comer e beber para todos. Ih Jasus, durante dias e dias, noites e noites, seria comer, comer e beber até dizer bonda. Que pançada, benzesse-nos Deus, e toca e toca a alargar a tripa para lá muito para lá da barriga esticada na pele. Que a pele se a deixam alarga. Aiai. Toma outro rebuçado.

SÍLVIA :

Bem-haja. Como-o logo à noite sem os nossos darem conta. Quando tudo dormir. Durmo com a nossa Cândida, a nossa Maria, a Joaquina, o nosso Francisco e o nosso Aurélio. Todos mijam pra riba de mim: vossemecê não conhecerá um rumédio?

ALMOCREVE :

Urtigas no traseiro. Só te sei dizer desse. E não estejas triste que triste é a morte.

SÍLVIA :

Se vossemecê me lesse o futuro para eu saber cá de uma coisa...

ALMOCREVE :

Na semana que corre é má altura. Só na Lua-Nova ando inspirado. Segunda-feira, primeiro dia, consulto os astros. Tu, por tua vez, cozes a raiz da rosa-sarnosa, um sapo, espinheiro da Devesa, folha seca da figueira da Fonte-Figueira: defuma mãos e cara, espreita plo buraco da telha — quando tudo dormir — conta até sete sete vezes: depois dizes-me.

SÍLVIA :

Ui, a nossa casa tem tantos buracos... E se me engano no conto?

VOZ FEMININA :

Sílvia. Oh, Sílvia! Alma de mil diabos. Vai luvar este caldeiro de vianda aos marraninhos. Que estás a fazer? Pega ao menos em teu irmão criatura. Como berra! Cal'te tu também dianho! Não ouves o chôro do menino? Ah inferno. Inferno de vida!

SÍLVIA :

Está a ouvir ti Miguel? Inferno mas inferno. Já vou senhora. Já vou.

VOZ FEMININA :

Já tardas. Aí a dar trôco não sei a quem. Ah, melada. E é isto viver. Calai-vos dianhos. Ah infernos. Inferno.

ALMOCREVE :

Purgatório é sessenhora. Acode a tua mãe e vai com Deus.

SÍLVIA :

Não se esqueça daquilo ti Miguel. Fique-se com Deus.

ALMOCREVE :

Fico. E também com a fome. Bem, vou-me até à taberna da Angelina. Alguém me há-de chamar e dizer: «Tome uma pinga ti Miguel». De Inverno ali se ajunta o pessoal como se fora uma companhia de triteiros, cada qual gesticula, bota o seu palavrão, a sua cantiga, uma chalaça... Ai céus na terra, depois vem o vinhinho, encarnado como o sangue de Cristo abençoado na missa, deixando todos de bico calado a vê-lo pular do jarro pró copo do copo prás goelas de uma criatura. Ah corpo-santo! Ui céus na terra. Venha ele o cama-

rada que—mande botar uma rodada para o pessoal. Pode até acontecer que algum deles tenha agarrado um caçapo. E guisado. Ai céus na terra que bem me saberia um coelhinho guisado com batatas cozidas a pelar-a-pelar e bom vinhinho acabado de ordeñar do tonel. Ai céus na terra pra quem traz as tripas pegadas às costelas mais bambas que sacos vazios. Ai céus, depois já uma criatura pode cantar a cana-verde, um mês-do-rosário, seja o que for — até transfigurar como um senhor dom Quijote que cismava de princesa uma senhora dona Pataloca. Ai céus na terra. Agulhas e dedais! Agulhas e dedais!

#### EUFRÁSIA :

Trasfigura trasfigura que o trasfigurado rasto do coelho hás-de apanhar. Mas comer? Outro canto cantará inté lá. E eu? Cozo a batata e mais a farnhata e truca-manduca-manduca-truca Ufrásia.

#### ALMOCREVE :

Ufrásia! Oh, ti Ufrásia. E leva taleigada. Mas pra mim nada. Vamo-nos, vamo-nos. Eis aí está, a taberna da Angelina como um rosto trigueiro debaixo de bem rodado guarda-sol de alvuras. Como de bragais tecidos em teares que de noite e dia batem batem batem. Velhaca de Moira. A casar-se com o príncipe das Sovelas. Plo lusco-fusco. A dama do pote das libras. Assombrações. Apenas isso. Faz-se noite. Escuridão. Ih Jasus! A escuridão a poisar na brancura. Jasus. Ná. Ná. Não entro. Que um homem também gosta de oferecer uma pinga, dizer vá pago eu. Não entro.



## QUADRO VII

Num encolher de ombros desamparado o Almocreve afastara-se e cabisbaixo, já rouco, recomeçara o pregão, figura patética recortando-se contra um fundo de casas escuras atarracadas, bocarras abertas e janêlos a brilhar, baços, no anoitecer. Em seguida surgiu Raquel numa correria e estacou, ficando por instantes à porta do tasco, a espreitar, olhos desmedidamente abertos, a mirar o interior: os pipos, a ti Angelina de cabelos repuchados na nuca, atrás de um balcão, o rectângulo do chão lajeado com um banco de pinho encostado à parede, uma candeia de petróleo já acesa: e os homens, sentados ou movendo-se nesse cenário quase irreal. os rostos magros curtidos pelo ar agreste, barbas por-fazer, narizes finos, e de chapéus na cabeça, num conversar ora vivo ora arrastado, sem pressas de chegar a um fim: sem-fim: num cantarolar.

MANUEL MIQUELINO :

Era o vinho meu Deus era o vinho  
ai a coisa que eu mais adorava  
Só por morte meu Deus só por morte  
ai só por morte o vinho deixava

ANGELINA :

Bebe e está com termos oiviste?

MANUEL MIQUELINO :

Não sou mouco ti Angelina, mas um homem não  
está na igreja: que lá também se canta, não ao

profano mas ao divino, é certo. Ai a vida a estu-  
porada da vida que só vai boa para os graúdos.  
Raça!

ANGELINA :

Pois nessa reinação toda nem parece.

MANUEL MIQUELINO :

Ai vinho vinhinho  
                    ai vinho vinhão  
Menina bonita  
                    do meu coração

ANGELINA :

Là voltas tu à cantarola como se estivesseis  
numa casa sem lei. Respeitem quem devem  
pessoal.

ANTÓNIO HILÁRIO :

Já alguém lhe faltou ao respeito, ti Angelina?  
Por cantar uma criatura não perde o siso, ora essa.  
Eu cá, maior respeito! Com a minha navalha espa-  
nhola, é bico calado e truca-manduca, bocado de  
pão, bocado de cebola, bocado de cebola bocado  
de pão. É vossemecê servida de um cacho de ga-  
linha?

ANGELINA :

Tal galinha come-a tu.

ANTÓNIO HILÁRIO :

Se como!

Quem quiser galinha  
vá pró hospital  
Coma pouquichinha  
num le faça mal

EMÍDEO :

Psst e bico calado. Acabou-se a cantoria. Aqui  
à ti Angelina, pra ter senhoria, só lhe faltou  
aprender a ler.

ANGELINA :

Dianhos. A ter que aturar estes diabos.

ANTÓNIO HILÁRIO :

Pois eu cá, como os senhores padres na missa  
que bailam ao altar, bailo também e emborco  
o meu copázio. Que cálice! Venha outro! Ah que  
assim até um homem goza alegrias. Celestiais.  
E que tem? Que têm as alegrias que a deixam  
escamada. Sim? Veja! Até me alimpo a boca e  
não preciso do pano do sacristão. Veja. Vá, diga,  
que mal vem ao mundo se a um gajo dá ganas de  
bailar e cantar!

MANUEL MIQUELINO :

Vossemecê ti Hilário já está como há-de ir.  
Aposto que nem o quatro é capaz de fazer.

ANGELINA :

O quatro também tu não fazes ora a graça do entremês! Pois se na escola não aprendeste senão a contar pelos dedos como queres tu fazer algarismos que requerem memória e entendimento.

MANUEL MIQUELINO :

Mas vossemecê sabe, lá isso. Nem um litro lhe escapa.

ANGELINA :

Pra tanto não preciso de quatros nem cinco: basta-me ter cabeça, fazer riscos. Ah, macambuzaste!

JOAQUIM RITA :

Bote lá meio quartlho de vinho ti Angelina.

ANGELINA :

Quê? Se te visses a figura meu pelintra. Se ao menos mirasses os tamancos mais que cambados e rotos, desgraçado. De minha casa não bebes tu mais fiado. Nem uma gota. Tua mulher bem te chama rafeiro e sem vergonha. Dianhos.

JOAQUIM RITA :

Bote lá ande. Amanhê, venho trazer-lhe duas arrobas de batatas e pago o dÍvido atrasado e o presente.

ANGELINA :

Duas arrobas, dizes?! Isso julgas tu porque não olhas ao rol mas apenas à caneca. Duas arrobas! Tens aqui mais riscos de quartilho que o conto que sabes contar. Vê-me, olha-me esta tábua. E depois, onde irás tu roubar as batatas pra comer e dar de comer à família. Que se calhar já nem duas arrobas te sobram. Hás-de ter uma celeirada!

JOAQUIM RITA :

Sessenhora, vossemecê lá sabe. Celeirada nenhuma não digo que não, mas pago, pago em serviço, sessenhora, pago.

ANGELINA :

Não tenho quintas pra serviços. Nada. Não te meço mais fiado. Vai o rol em dúzias de litros.

ANTÓNIO HILÁRIO :

Meça o vinho ao homem, vá. Que uma pessoa não pode ficar praqui a morrer de pasmo e tristuras; a mirar as ruas mais brancas que cú de morto. Porra. Só porque Deus Nosso-Senhor de nós se não agradou. Porra. Fome frio e sede. Sim, que vale meio quartilho? Mais pataco menos pataco. Bote o vinho ao homem.

ANGELINA :

Ora mirem o ricalhoiço! Seis, dez tostões, pra ti não é fortuna. Não representam nada. Lá trazes

a pobre da tua Rosária a vender sardinhas pra não deixar morrer os filhos à mingua — ela que te diga quanto custa meio quartilho e se tostão é dinheiro. Que tu não sabes avaliar, lobishomem, praqui ao alto a buber de carava com os camaradas. Ou sabes e já o esqueceste. De borracho.

ANTÓNIO HILÁRIO :

Pois meça dois meios quartilhos. Um para mim outro aqui para o Joaquim Rita. Mire as moedas. E oiça! Tirei-as do saquitel da nossa Rosária. E antão? Que tem vossemecê com isso?

ANGELINA :

Nada. Se me pagais, nada. Se calhar eram as únicas riquezas que tinheis em casa. Duas moedas de dez tostões. E inda a batestes, por certo, fanfarrão.

ANTÓNIO HILÁRIO :

Pois bati. Cheguei-lhe um par de lambadas quando me começou a granizar. Joquim, à tua saúde. Nada de vergonhas, homem. Qual vergonhas qual diabo, isso é para os graves. Que culpas tem o pessoal que seja inverno e não haja onde o ganhar? Que culpas, diga, vossemecê que tem resposta pronta e sarmão prás ocasiões. Não sou cesteiro para me pôr a entrançar palha: sou cavador: e não havendo que cavar, quer que me atire à ribeira ou vá pedir esmola pelas portas?

EMÍDEO :

Vossemecê, ti Angelina, se não fosse o negócio veria também. Eh, pessoal, e se nos dava a todos na ideia de pormos uma taberna!

ANGELINA :

Olhaolha! Tu com uma taberna. Afianço que não cobravas quartilho e deixavas afogar os amigalhaços na pipa. Tu, és dos tais que de fino perdes o tino, e andas sem norte, à roda como um catavento.

ANTÓNIO HILÁRIO :

Mirai. O cinto não o aperto porque trago um nagalho e já dá duas voltas. Afogar-se uma pessoa no vinho não seria mau não senhora. Que antes na pipa que na fonte; antes engasgado na pinga que da terra de cava. A mim, a água, bastou-me a baptismal, e quanto a terra, quando morrer, lá me encherão o bandulho. De graça já se vê, porque a que tenho de meu mal daria para me enterrarem ao comprido. Ai vinho vinhinho/ai vinho vinhão...

JOSÉ ENGRÁCIO :

O cemitério, ao menos, é um bem público.

VOZES :

Olhaolha! Não está mal, o bem. Um rico bem!  
Que bem!

ABEL MOLEIRO :

Ora vivam, pessoal!

VOZES :

Viva. Vem com Deus. Venha com Deus. Olha, o ti Abel com uma lebre à cintura. Rica lebre. Inda fumeга, a espingarda. Viva a ratazana!

EMÍDEO :

Caramba, homem! Eu, inda corri a folha de ponta a ponta e nada.

ABEL MOLEIRO :

A tua caça é outra, marau. Cá o melro quando quer uma trincadeira de jeito não desiste enquanto a não agarra. Tomem o peso! Que nem um carneiro. Olhe ti Angelina, quero um guisado de se lhe tirar o chapéu. Esfolo-a eu. A sua Maria que apronte o lume: quero boa brasa: e uma panela de festa. Os tempêros são comigo. Mirai. Riqueza de pele. Rende uns tostões.

ANGELINA :

Quê!? Vais comê-la à frente dos camaradas, toda essa assembleia de siseiros? Aposto que apanham um pasmo. De aguados.

ANTÓNIO HILÁRIO :

Que petisqueira do carai!



ANTÓNIO HILÁRIO :

Sessenhor! Gordura é formusura.

ANGELINA :

Pois faça-se o guisado como entendeis, dianhos. Que culpas tenho eu da brutidade que vos vai na cabeça? Nanja que vá eu endireitar o mundo. Ora a questão. Queres comer o pitéu e mais os amigalhaços. Comei-o e que vos leve barzanganas. O meu ofício é o de tabarneira: desde que me paguem: mas quem paga? Sim, tempêros, fogueiras e o mais.

VOZES :

Paga-se. Todos pagam. Todos.

ANGELINA :

De contado e adiantado. Senão vereis. Aquele que se negar não petisca, afianço-vo-lo. Maria! Maria! Apicha o lume. É assim e nem mais. Se pagais petiscas e na hora melhorais.

ABEL MOLEIRO :

Diga à sua Maria que tenha à mão meio quartilho de azeite e meio litro de vinho.

ANGELINA :

Como és moleiro lá vais tirando na maquia. Pra tais abastanças. Seja. Pega, rapariga.

ABEL MOLEIRO :

A minha maquia é a de uso, posso jurar. Tenho todos os presentes por testemunha de que sou homem direito, é ou não é verdade? Vê vossemecê? E livaral! Vá, agora bote meio quartilho pra cada um. Pago esta rodada.

ANGELINA :

Pegai. Aí tendes o jarro cheio. Leva dois litros. Já conheceis bem as medidas. Se fosses franco para a família como és para os camaradas...

ABEL MOLEIRO :

A família? Ora essa ora essa! Governe-se. Faça pela vida. Como eu. Sessenhores, cá vais à nossa! Vivam todos;

VOZES :

Viva!

ANGELINA :

Pois não quererás governar a família — mas aí os tens. Um cachopo. Ih, o ladino! Bem depressa sentiu o cheirinho.

ABEL MOLEIRO :

Anda cá meu rapaz. Foi tua mãe que te mandou a dar fé de mim? A alma do diabo. Toma.

Isso mesmo, escorropicha bem o copo. Desconfio que na escola inda não aprendeste quantos são três e dois. Sempre quero ver, se depois, no moínho, sabes fazer as maquias. Ah, miras a copita, pareceu-te pequena a pinga. Ah, bom rapaz, também gostas, malandro.

RAPAZINHO :

Onde está a lebre pai? Deixe-a ver. Vá, diga, onde a escondeu?

ABEL MOLEIRO :

Que lebre? Diz a tua mãe que não topei raça de nada. A folha estava mais deserta que mil desertos. Escuta: se ficares aí, bico caladinho, comes uma cancha dianteira. Ora vês! Abanas a cabeça: já te está a saber! Uma cancha inteira para te fazeres um homem.

ANTÓNIO HILÁRIO :

Ouvi no Dezasseis que não tarda aí a igualdade — e antão, oh senhores! — é que será comer lebres e lebrões. Eu cá fico-me três dias e três noites, arruados, a comer, a comer, sem parar de comer, sempre a comer e buber e mesmo assim de assentada, não julgo que chegue a encher o bandulho. Contam os mais antigos do povo que foi assim no tempo do rei Afonso Costa. Que era entrar pela casa adentro de um ricalhoiço e comer à tripa forra, inda encher os alforges e abalar. Aquilo sim, haviam de ter sido mandos!

JOSÉ ENGRÁCIO :

Ouvi contar isso à Ufrásia, ouvi: que seria no meu tempo mas qual! Eu cá nunca cheguei a ver nada.

ANTÓNIO HILÁRIO :

Que havia vossemecê de ver, metido nos barrocais das nossas terras: um cu-do-mundo: a cavar para o Samiões. Carai! Eu cá pegava na minha caçadeira e era Samiões, era tudo: tudo raso: esbandulhava meia dúzia de ricalhoiços — plo menos. E a oito! São todos da mesma massa. Eh camaradas!

ANGELINA :

Credo, homem, que fazes pecado mortal. Ah bardino! Mãe-Santíssima, os dizeres! Se consta. Estás borracho brutamontes. E que Deus te perdoe. Os ricos são como os pobres: bons e ruins, sarnentos e bolorentos. É mirar os das redondezas: uns a esmolar, a fazer o bem, conventos; outros a botar multas, calúnias, trabalhos pra riba de uma pessoa. Vêde se há quem escute. Sim, já se sabe, é o ofício deles...

JOAQUIM RITA :

Que seja do ofício ninguém diz o contrário. Sim, os da Vila, quando aí botam ao povoado, de calça vincada e bota a luzir é só pra desgraçar uma criatura.

JOSÉ ENGRÁCIO :

Salta-charcos do raio que os parta.

ANTÓNIO HILÁRIO :

Papa-hostias dos infernos.

ABEL MOLEIRO :

Papões!

MANUEL MIQUELINO :

Psshui. Anda no povo o ti Guarda. De gordo e inchado, parece que traz o rei na barriga.

ABEL MOLEIRO :

Pulha. Aos doctores o deve: que bem guarda o que é deles: a eles o paga.

JOSÉ ENGRÁCIO :

Pior que judas. Se apanha um desgraçado com um trigo às costas ou uma mancheia de peixes não lhas perdoa. Alma de cântaro.

ANGELINA :

E vós? No lugar dele se calhar, fazieis o mesmo. Nunca peças a quem pediu nem sirvas a quem serviu.

ABEL MOLEIRO :

Não sou dos menos francos. Todos provam depois de eu ter tirado as canchas traseiras para mim. Sou ou não sou lhano? Sim, vossemecês pagam as rodadas de vinho e as batatas. E é se querem. Todos querem. Pois antão mãos à obra!

ANGELINA :

Que rópias. Leva o animalejo pra tua casa e a tua Benvinda que faça o guisado. Ganas de comer com jeito também ela terá e os filhos. Leva a lebre. Leva-a. Já não é a primeira vez que aí vem a família aos cheiros das vossas pândegas e eu a ouvir os responsos. Sem culpas.

ABEL MOLEIRO :

Na lebre mando eu, ouviu? Ora esta, já um homem não pode comer descansado uma petisqueira e dar a provar aos amigos. Sabe que mais? que se cosa o mundo.

MANUEL MIQUELINO :

De razão. O ti Abel caçou a lebre, pode comê-la como bem entender. De razão.

JOSE ENGRÁCIO :

Que beleza, benza-a Deus. E gorda, a alma do diabo. Cada cancha!

JOAQUIM RITA :

Há velhacarias escusadas.

EMÍDEO :

Tretas e mais tretas: estou farto de ouvir: os culpados de tudo são os que se deixam amochar.

ANGELINA :

Um pobre amocha sempre e é se quer viver. Lá está aquele bruto do Hilário a dizer asneiras — mas que seria dele se não baixasse a orelha? Bem lhe teria morrido a mulher se não tem ido chorar desgraças para os senhores Samiões — que lha mandaram para o hospital. E olhai que a ingrati-dão é feio pecado.

ANTÓNIO HILÁRIO :

Pois sessenhora, será feio, mas uma criatura tem alguma coisa de bonito para amostrar? Mirem as minhas mãos. Do feitio de quê? De uma gada-nha. Já nem as seis endireitar do jeito de agarrar a enxada. Vá mirem. Mirai! Almas do diabo. Vos-semecês querem coisa mais perfeita que este donaire de mãos? Ah, todos têm aleijões iguais?! Ahah! Pois sessenhores! Antão beijem o chão que eles pisavam. Que nos dão que cavar a folha deles. Eu, julgo que se a nossa Rosária tem morrido, pela parte dela, bem agradecida estaria a Deus-Nosso-Senhor que a teria mandado direitinha

ao céu pra descansar como uma senhoraça. E pronto, acabava-se-lhe de vez com a venda das sardinhas.

ANGELINA :

E os filhos bruto? Quem te criaria os filhinhos?

ANTÓNIO HILÁRIO :

Plas portas. A esmolar pelas portas andam eles que não são mais que os outros. E que culpas tem uma criatura que eles nasçam mais bastos que alfobre? Plas portas que plas portas andam. Raio! E diz vossemecê que os ricos são como os pobres. Boa igualdade. Pois eu juro e torno a jurar que esses sacanas...

ANGELINA :

Cal'-te. Em minha casa não fazes tu juras que ofendam a Deus. Vai para os quintos com a tua igualdade, infeliz. Quem viu já tal coisa debaixo da rosa do Sol?

EMÍDEO :

Que bravezas ti Angelina. E olhe que igualdades há, e até mais do que uma: a dos ricos com ricos e dos pobres com pobres. Claro que há ricos brutos e finos, mas no fim e ao cabo todos vivem fartos e regalados. Com os pobres passa-se o mesmo, uns parvos outros finórios — mas as dife-



renças... — pouco mais adiantam uns que outros. A não ser que se pisguem — e por lá acontece de tudo, julgo.

MANUEL MIQUELINO :

A não ser que façam como o ti Guarda. Que barriga de abade!

ANGELINA :

Lá voltas tu com a barriga do homem.

JOSÉ ENGRÁCIO :

E a data de tapadas que já comprou, o pulha!

JOAQUIM RITA :

A mim multou-me por duas vezes: da primeira em duzentos escudos porque as águas me levaram a parede das Almoínhas; e a outra, andava eu nos caboucos do Andrade, vejam vossemecês, na minha aquela armara umas trapas...

EMÍDEO :

Pois eu afirmo aqui alto e bom som: comigo não faz ele farinha. Se me vier som sacanices ferro-lhe duas mocadas — ou uma boas navalhas — e estendo-o ao comprido.

ANTÓNIO HILÁRIO :

E a pistola? Não fosse a pistola. Sei de muitos com ganas de o desfazer. Eu até era capaz de lhe buber o sangue.

ANGELINA :

Este! Sempre ouvi dizer: homem grande, faca de pau.

ABEL MOLEIRO :

Vossemecês lembram-se da ocasião em que o Manuel Inácio estava ao pé do meu moínho a agarrar os peixes para a merenda da Senhora da Ajuda. Ui como fugia. E encarrapato. O sacana do Guarda atás dele pumpum aos tiros e o outro a escapar-se como lebre, troca-lhe as voltas, leva sumiço nos barrocais. E não tardava, torna ao moínho pelos peixes que agarrara — e o outro inda a bufar como se houvera apenas uma direcção. Gebo! Não tem pontaria nenhuma.

VOZES :

Boa partida. Carai. Podia ter ficado estendido, o rapaz.

ANGELINA :

Atentais a desgracia e não na quereis.

EMÍDEO :

Na primeira que me faça encontra pessoa pela frente.

ANTÓNIO HILÁRIO :

Pois eu, Oh senhores, se um dia o apanho a jeito, bem à mão, capo-o. Nem mais: capo-o.

JOSÉ ENGRÁCIO :

Esse é dos que nascem capados. Se eu estivera como vós, na força da vida, furava-lhe os olhos.

ANGELINA :

Já disse, ele não é o culpado: e vós farieis à mesma: a criatura faz os mandados de guardar os haveres de quem os tem: pra tanto lhe pagam.

JOAQUIM RITA :

E os peixes do rio de quem são? E os coelhos e perdizes que não pedem licença a ninguém pra comer nas hortas de cada um.

ANGELINA :

E boas hortas tens tu, criatura, para os coelhos e perdizes te comerem. Aí, os pobres animalejos não apanham nenhuma barrigada, descansa.

JOAQUIM RITA :

Não tira nem põe que as águas do rio e os coelhos do mato são de todo o mundo. Mesmo a raposa. Sim, eu tinha a armadilha para a raposa e umas trapas...

MANUEL MIQUELINO :

E vossemecê, ti Joaquim Rita, a mecambuzar no mesmo. Eu quando foi no tempo das perdizes inda petisquei da merenda de uns graves da alta que por aí andaram à caça, Ui, uma perna de frango que me fez ver o céu em vida. Antes já eu tinha corrido, a mando deles mais que os cães atrás das lebres. Assim como assado sempre lhes fui roubando uma perdiz e gorda, concho! Mal deu pra um dente.

EMÍDEO :

Pois eu quando correr há-de ser em meu proveito e mais no de quem eu quiser.

ANGELINA :

Deus Nosso Senhor, o mundo sempre assim foi: ricos para uma banda à farta e à larga; pobres para outra banda carregados de filhos e de miséria.

EMÍDEO :

Seja assim com pobres e ricos: como vossemecê quiser: que com o corno do Guarda avenho-

me-eu. Lembram-se de quando o Sebastião matou o Amaral à paulada? Morte santa. Velhaco como o facadas, o fulano livrava-se sempre untando as unhas aos papões da Vila. Até que encontrou homem capaz de ir a meças com ele.

ANGELINA :

Ssshui. Oiço passos de bota fina. Talvez ele, o Guarda, ou algum dos Samiões...

VOZES :

Olhaolha! Olhem pra ele, o bota fina! Quem houvera de ser! O ti Miguel Almocreve de taman-cos. Façam roda rapaziada!

ANGELINA :

Vinham subtis os passos...

EMÍDEO :

Beba uma pinga ti Miguel. Uma rodada cá do rapaz. Vossemecê deve estar rouco de tanto apregoar agulhas e dedais.

ALMOCREVE :

Vivam. Vivam todos. Santas tardes. Deixa que eu poise a caixa aqui no banco. Dás-me antão um copito? Pois cá vai à tua saúde e dos demais. À vossa.

VOZES :

À sua ti Miguel. Que daqui por um ano corro pelo mesmo cano. Viva.

EMÍDEO :

Que nos conta do mundo ti Miguel?

ALMOCREVE :

Que lá anda a girar a girar e nós por aqui como Deus é servido.

ANGELINA :

Eu não lhe merco nada ti Miguel que o meu ofício também é vender, mas se vossemecê traz frio entre para a cozinha e aquece-se ao lume.

ALMOCREVE :

Bem haja. Bem hajam todos. Uma criatura a andar mal chega a sentir as agulhetadas do frio.

ABEL MOLEIRO :

Vossemecê espere um quaisnada que também prova da minha lebre. Estou a aprontá-la. Não há melhor regalo de um pobre ou rumediado.

ALMOCREVE :

Jasus, Jasus, a quem o dizes. Não há melhor regalo e eu não desfaço da companhia. Bem hajas, bem hajas.

ABEL MOLEIRO :

Pois então haja boa paz enquanto esperamos.

EMÍDEO :

Dá-me daí a minha viola, Ó Manuel Maquelino.

Ai vinho vinhinho  
ai vinho vinhão

Rapazes quando eu morrer  
da pipa quero um caixão

O meu amor dis'que vinha  
quando a Lua viesse

Ó Lua que vais tão alta  
e o meu amor não aparece

O rapaz toca e canta. Em breve todos os outros se lhe associam bailando também num bailado vigoroso, quase terrífico como o esbracejar e bramar de um rio em dia de temporal: a engrossar cada vez mais, sujo de detritos, de troncos arrancados; uma força crescente e irreprimível, impetuosa e cega mas de direcção preestabelecida: o mar de águas profundas e misteriosas. O bailado torna-se como que estranho às palavras. E Raquel, que estivera escondida, dobrada sobre si mesma, desce a escada onde se empoleirava como ave a hibernar, e de xaile pela cabeça entra na roda dos bailarinos; ti Angelina encostada ao balcão, olha estática, fascinada; Emídeo, esse, desferindo notas

na guitarra, parece ser ele, e apenas ele a dirigir pela música um estranho ritual. Tudo parece mergulhar em fantasmagoria e irreabilidade, os próprios dançarinos, figuras estilizadas na clareza mortífera que os traja de ouro e prata em sua correria para o mar colossal e sem fim. E a música, ora violenta ora subtil, a comandar os movimentos e pausas, de uma dança apaixonada e possessa.

MARIANA :

Chego aqui e que vejo!? Que doideira em sua casa ti Angelina? Parais a dança? Parece que nunca me vistes. Ora essa! Então a sua taberna agora é sala de bailes?

ANGELINA :

Consinto o quê?... Ah... Não... Ora essa... Julgas por lá que uma criatura... Oh, não tenho ninguém que me ajude a tomar conta na vida. A manter o devido respeito. Sim. Como se pode esperar bons modos e educação de um pessoal praqui ao alto a pedir litradas de vinho e reinação...

EMÍDEO :

Venha cá ti Mariana, mulher, e deixe-se de nos amolar os fígados e o juízo com sermões. Que vale o carai da vida? Sim! Vossemecê sempre a resmungar contra todos os gostos. Sempre de má cara. Baile também. Toca a bailar.



MARIANA :

Deixa-me bestiaga! Deixa-me bardino. Inferno!  
Que te parto os cornos!

EMÍDEO :

Seja. Isso. Bata. Bata mais. Tudo o que lhe der na gana. Bata ah já se ri. E o diabo a rir-se de todos nós e nós com ele. Eh Mariana! A passo a passo. Rápido. A passo! Eh Mariana. A vida é um foguete. A passo. A compasso. Passo. A compasso Eh Mariana. Beleza! Calaste a música Manuel? Eh e vossemecê já parece um boneco sem guita. Olhaolha agora zanga-se. Raio. Escusa a boniteza de gritar raivas. Eu vejo-a a rir-se por dentro. Por dentro alegrias. Por fora furibunda. Oh músicas danadas porque vos calasteis? Partiram-se-te as cordas da viola. Bbb! Foi-se a festa à viola. Mil raios!

MARIANA :

Isso mesmo alma do diabo, mil raios. Alma de seiscentos milheiros e um. Quem julgas tu que eu sou, valdevinos!? Quero que todos me respeitem como mulher de respeito, pois então! Se queres bailar agarra-te às solteiras ou a outras galdérias que tais. Não me acompares com trongas.

EMÍDEO :

Estou farto do palavriado. Arre! E que culpas tenho eu que vossemecê me atente como um demónio? Há algum mal em reinar? É acompañá-la?

MARIANA :

Se tu não estás disposto a ouvir eu também estou pouco disposta a reinar. Pra negrura basta a minha vida. E não julgues que uma mulher só se faz velha para ter gelhas na cara e no corpo. Uma criatura também cresce em juízo e propósitos. Inda que não me trocasse por nenhuma pimpinela de vinte anos — que pensas!

EMÍDEO :

Que sim. Não há pra quê. Vossemecê tem a cara mais lisa e mais tenra do que elas.

MANUEL MIQUELINO :

E lá por se deixar agarrar plo Emídeo que a fez rodar um bocado, vossemecê ficou tão honrada como dantes: se dantes não fizeram outro mal. Que o seu homem também é capaz de se ter amigado por lá com alguma...

MARIANA :

Ah gebo! Ah cochino! Se não te calas aforquilha-te.

EMÍDEO :

Mete-te na tua vida, tu, ouviste. Antes que haja questão. E vossemecê não leve a peito, ti Mariana. Olhe, a sua Raquel estava aí inda agora. Ou se escondeu ou fugiu.

MARIANA :

Vinha por ela. Raquel! Ó Raquel! Onde se terá metido. Vejam vossemecês, há mais de meia hora que o velho a mandou por uma botelha de vinho...

ANGELINA :

Não mercou nenhum vinho.

MARIANA :

É capaz de ter esquecido a vasilha. Vou-me a saber da pequena. Fiquem com Deus.

VOZES :

Vai com Deus. Vá com Deus.

ANGELINA :

Macabumzasteis todos. Pois inda bem. Sim, admira-me o silêncio. Mesmo eu me vejo succumbida. Jásus! Como se uma lufada de ar frio acabasse de apagar os restos de luz e calor...

MANUEL MIQUELINO :

Haverá rezões. Mas escutem! É um avião! E de súpita! Que roncadeira.

EMÍDEO :

Pois vamos ver. Eh pessoal. Venham. Venham todos. Parece uma frecha de fogo que rasga os ares.

ABEL MOLEIRO :

Que pássaro!

ANGELINA :

Tu garoto, que queres? Tê pai está a ver os aviões: e tu não gostas da aviação? E tu Raquel? Escondeste-te atrás da pipa e tua mãe consumida à tua procura. Canalha. Vens pelo vinho?

RAQUEL :

Sessenhora. Ele quer a botelha bem cheia.

ANGELINA :

Desde que me paguem as botelhas cheias... Morram atestado na bubedeira ou na larica: é com eles: não me botem culpas. E tua mãe... Olha que constam uns ditos, uma aloas. Mentiras se calhar. E tu garoto, entras-me pela cozinha como se tudo fosse nosso? Olhaolha, a lebre esfolada debaixo da jaleca. Nem a pele deixaste a tê pai? É boa essa!... Inda me hei-de rir. E lavo daí as mãos como pilatos no credo. Gato escondido com as orelhas de fora: as orelhas a pingar sangue: estás aviado se sais por essa porta. Foges! Bem me ralo eu! Comam, partam e repartam: o meu ofício não é meter-me nas suas vidas. Lá vêm eles de ver passar os aviões. Vindes com juras de malvadez? Não quero juras de bonés.

EMÍDEO :

Um rai's me parta se eu não montar um dia numa maquinaria daquelas.

ALMOCREVE :

Havieis de ouvir o Joãozinho dos Cobertores na Sant'Ôfêmia. Um homem sabido. De cidade. Que eu nesse dia também falei do caso com o homem que trazia o cinema de caixa. Levára-me a ver. Saltam as figuras para um lançol, no escuro: coisa bonita: era a vida de Nosso-Senhor. Por vinte e cinco tostões pra qualquer. Chamam àquilo Linterna Mágica — e que mágicas!

ANGELINA :

Também já o ouvi. Mas isso são coisas de bruxedo, ninguém me tira. Toda a triteirada, agora usa cinemas de caixa como outrora os maçonicos as mesas pé-de-galo. Bruxarias.

EMÍDEO :

Assim nunca mais passamos da cepa torta. Lá, os homens estrangeiros sobem onde antigamente diziam que eram os sete-céus, falam cá pra baixo com os camaradas, tornam: e vossemecês a dar-lhe: bruxarias.

ANGELINA :

Tretas e mais tretas. Já alguma vez falaram contigo?

ANTÓNIO HILÁRIO :

Mesmo que tal assucedesse que adiantava? A nossa conversa é uma, a deles é outra. Não entenderíamos. Mas que há coisas há. Inda ontem, quanto nos rimos com o que vinha escrito na carta do José Pêga. Contava que vive numa casa como a do Antoninho do Monte, águas quentes e frias de torneira, musicas, teatros de caixa, pagodes quantos quer. É vossemecês alembram-se de como ele aí andava...

ANGELINA :

Como os demais. Ou querias por lá que vestisse à grave e calçasse de polimento pra ir cavar. E agora, se tem por lá tantas grandezas pois casou com a filha do patrão da mercearia, que enganara, dizem — que as reparta, que essa seria a maravilha.

JOSÉ ENGRÁCIO :

De vontade ninguém reparte seja o que for: nem sequer pais com filhos a quem só o deixam por morte — e alguns por não o poderem luar para a cova. E quem mais tem mais quer.

EMÍDEO :

Quem se sobe numa maquinaria daquelas: quando se chega a esse ponto: julgo eu, manda ao raio a seca dos teres e haveres.

ANGELINA :

Desde que tenha a sua conta e barriga cheia.

MANUEL MIQUELINO :

Sim, sem isso, nada.

EMÍDEO :

Vossemecês não me entenderam.

ANGELINA :

Se calhar.

MANUEL MIQUELINO :

Qualquer dia acaba o mundo pelo fogo. Anunciou uma santinha julgo que de Braga.

JOSÉ ENGRÁCIO :

Será mais que verdade.

ANTÓNIO HILÁRIO :

Pois antão que acabe no inverno que é para uma criatura morrer quente.

ALMOCREVE :

Acabaria e de-pressa se, como dizem, os das direitas e os das esquerdas botassem as bombas

que fabricam. Serão capazes, não sei. Claro que todos têm amor à pele, e talvez o mundo continue até o supremo Deus dizer bonda.

ANGELINA :

Pantominas. Balelas. Se eu fosse a acreditar-vos!...

EMÍDEO :

Vossemecê, ti Angelina, só acredita nas patranhas dos padres. Rai's parta. Nessas; nas que contam das paridas do diabo, sei lá que mais.

ANGELINA :

Pois olha que a ti pra diabo só te falta a figura. E mais respeitinho ouviste. Olha que não tenho a tua idade. Há modos e modas de dizer que não consinto.

MANUEL MIQUELINO :

Mas vossemecê desfaz de todas as verdades que uma criatura observa. Contaram aqui os contrabandistas de Espanha, e vossemecê não me desminta, que os amaricanos vivem em casas tão altas que furam o céu: e que aquilo é pessoal que só acredita no Lucifer.

ANGELINA :

São os pagãos: nisso acredito: enviados do Anticristo.



ABEL MOLEIRO :

Ui, nem é preciso ir tão longe a ver tal pasmação de casario. O filho do Chancas, que foi de caixeiro pra Lisboa, mandou dizer que vive numa gaiola dessas. E mandava também um retrato, todo bem posto, tirado à porta de um triatro e não de uma igreja.

JOSÉ ENGRÁCIO :

A mim se me tirassem a terra firme tiravam-me a vida. Mas já sou velho, que admiração.

ANGELINA :

Mundo endemoinhado.

RAQUEL :

No Livro de Leitura vêm casas assim, de centos de andares. Eu vou ser professora como a senhora. Minha mãe compra-me um casaco encarnado igualzinho ao da Francisquinha do senhor doutor Benjaminzinho.

VOZES :

Olhaolha! Só se for com o dinheiro que teu pai vos tem mandado. Conta que anda arruinado de bolsa e de juízo. Olhaolha!

RAQUEL :

O ti Anselmo deixa-me a cabra amarela, minha avó vende-a no Dezasseis...

VOZES :

Oooooohhh! Uma cabra! Sapatos de defunto. Oooohhhh!

ANTÓNIO HILÁRIO :

Se fosses rapaz ordenavam-te de senhor padre. Ou de bispo. Isso sim, é de graça, consta, pra quem aprende a ler direito na cartilha e a dar os améns na missa. De senhor vigário inda vá!

ABEL MOLEIRO :

Rico ofício esse, de vigário: boa cama, boa mesa, mãos limpas e o céu de mão-beijada!

ANTÓNIO HILÁRIO :

Ofício como não há outro sessenhores! Mas não és rapaz e uma mestra custa rios de dinheiro a ordenar. Mas escuta cá, se gostas de viver à sombra e corpo direito como tê pai, porque não vais de criada para o convento da Marquinhas do Samião?

ANGELINA :

Deixa a pequena, bardino. E tu, quando tinha tinha a sua idade, nunca disseste para contigo que

inda havias de andar ao alto como um doctor de leis ou um conigo da Sé? Pois olha que eu vi-me muitas vezes feita senhoraça, dessas que não mexem uma palha do chão — e cá estou a medir-vos litradas de vinho. Gebos!

RAQUEL :

Almas do diabo. Almas de mil diabos!

ANTÓNIO HILÁRIO :

Afugiu a garotinha. Como um passaroco assustado. Aaahhh! Diz'que em contas sai ao pai e a ler é um papagaio.

JOAQUIM RITA :

Dá Deus as nozes a quem não tem dentes.

ABEL MOLEIRO :

E saber-se de tanto burro doctor! E é que melhor lhes iria azurrar. Un-ó-un-ó-un-ó!

ALMOCREVE :

E outros como lambras metidas dentro de cisternas: que ou se apagam ou continuam a alumiar e a arder no buraco pra lagartos e sapos e osgas. Lá do fundo nem alumia nem aquece uma pessoa: nada lucra. Assim se me afigura a sabedoria nos pobres.

JOAQUIM RITA :

Sim, os ricos lucram pra si. Logo o doctor Antoninho, esse compra tudo o que é de propriedade: não vai na cantiga dos irmãos que é boa-vai-ela e dinheiro pra trocos. Que até se casam com criaturas do estrangeiro de França!...

ANTÓNIO HILÁRIO :

Esse nem a salvação dá a uma pessoa e se não o tratam meu santantoninho onde te porei desgraça um homem. O Alípio, que papou um par de anos de cadeia porque dizem, e não houve testemunhos falsos, o ameaçou de forquilha.

JOSÉ ENGRÁCIO :

Un-un! A bem dizer uma criatura já nem tem por donde ser desgraçado...

ABEL MOLEIRO :

Vossemecês conhecem aquela do velho quando tinha os filhos a estudar em Coimbra? Pois de uma vez, pra não gastar o dinheiro do comboio, lá vai ele acavalo levando uma porrada de dias na jornada. Chegado à tal cidade — que aquilo, dizem, é uma fábrica de doctores — abraça os filhos e toca, bota-se a casa do lente com uma bolsa cheia de dinheiros de libras dizendo-lhe que o fizesse também doctor. O outro, criatura respeitada, ui, ao ver luzir o oiro nem esteve com mais aquelas e zás responsou-o e toma lá o diploma.

Uns papéis como os dos inxames dos garotos. Vai antão, passados dias, torna-se à criatura de leis, o cavalo pela rédea, explicando que uma vez feita tão longa caminhada, já agora, aproveitaria, queria o cavalo também doctor. E vai antão e foi o bonito. Lá o sábio que respondeu que burros doctores já fizera muitos, cavalos nenhum!

VOZES :

Iiihhh! Oooohhh! Conta outra. Outra ti Abel porque essa não foi passada com o velho. Ninguém lhe faz o ninho atrás da orelha e se gasta dez a ordenar um burro doctor é porque ganha mil na troca. Nada! Outra! Essa não lhe assenta. Nassenhor. Nassenhor!

ANTÓNIO HILÁRIO :

Com oitenta anos inda se levanta ao romper da alva. Homem de respeito.

ABEL MOLEIRO :

Os homens de garruço são todos de respeito. É que não lhes entra frio plas orelhas.

JOSÉ ENGRÁCIO :

Naquela casa é tudo por senhoria.

ANTÓNIO HILÁRIO :

Quanto mais me abaixo mais se me vê o cu-traseiro.

JOAQUIM RITA :

Ao fim e ao cabo todos havemos de morrer.

ALMOCREVE :

Enquanto vida haja esperança.

EMÍDEO :

A esperar a esperar morreu um burro.

JOSÉ ENGRÁCIO :

Um pobre nunca passa do pé do pessegueiro.

ANGELINA :

A humildade é uma virtude.

ABEL MOLEIRO :

Com ditados e arremedados não me doa a mim a cabeça. Ó ti Angelina, a estas horas a fogueira e a panela da minha lebre devem ter mais que preparo. Vamos aos tempêros. E vossemecês, pessoal, afiem o dente.

ANGELINA :

Não se entra pla minha casa adentro como num lugar público: pede-se licença. E o tempêro hás-de ir botá-lo em tua casa se o tiveres. Enquanto tu pasmavas para o avião e parolavas, o teu Albertino, mais lépido que cão de guarda, levou-a.

ABEL MOLEIRO :

Vossemecê, ti Angelina, não está a falar direito!...

ANGELINA :

Assim eu salve a minha alma.

ABEL MOLEIRO :

E foi o carai do meu catraio, diz vossemecê? Ah, esfandango-o a esse alma do diabo. Filho da puta. Que até lhe dei uma pinga, vossemecês bem viram como ele escorropichou o copo. Alma de seiscentos. E tinha-lhe prometido uma cancha e meu dito meu feito, dava-lha. Alma de trezentos, desfaço-o. Ah, mato-o!

EMÍDEO :

Ora deixe-se de palavriado ti Abel. Olhe que não foi má esta. Olhe, vossemecê vá pra casa e aproveite o que restar. E enquanto é tempo.

ABEL MOLEIRO :

Não me amoles, com mil raios. E vossemecês hão-de ver o que nunca viram neste povo. Foi a nossa Benvinda, o coirão. Cheirou a lebre inda a cuja estava na toca e mandou o garoto buscá-la. Pra dar de peita ao corno do Guarda. Tudo pra que nos levante a multa das silvas que nos botou

em riba. Foi o coirão da nossa Benvinda. Mato-a.  
Ah se mato! Coirão e meio.

ANGELINA :

Pois boas honras te dás a ti e à família, homem.  
Devias ter tento na língua e vergonha na cara.  
A vossa Benvinda lá sabe que tens ruim boca e  
piores fígados pra te regalares sem mais praquê  
com uma rica lebre. E logo, honje, quem nem é  
dia santificado.

ABEL MOLEIRO :

Por Deus ou plo Diabo, ti Angelina, vosse-  
mecê não me indigne mais. Vossemecê, por Deus  
ou plo Diabo...

ANTÓNIO HILÁRIO :

Vou-me à vida. Bebi a minha pinguita, comi o  
meu pão com cebola mas as tripas continuam a  
cantar a cana verde. Mais que certo: barriga de  
pobre ou é furada ou saco sem fundo.

ANGELINA :

E graças.

EMÍDEO :

Isso. Muitas graças. Que a senhora Marquinhas  
quando reza as cruces diz sempre que as pessoas



se devem penitenciar dos pecados da abundância.  
Nascemos penitenciados. Graças sessenhora.

MANUEL MIQUELINO :

Já ganhados do reino dos céus, sessenhora,  
graças. Que aqui, na taberna da ti Angelina, de  
tantos propósitos e santidades, mais parece que  
está uma criatura na igreja.

ANTÓNIO HILÁRIO :

Tomara-me eu de sacerdote aqui o dia inteiro  
a mamar da galheta. Mas haver disto!

ANGELINA :

Brutos. Brutamontes. E que hei-de eu fazer  
senão vender-vos o vinho e governar a vidinha.  
Que a minha casa, igreja não — que é fazer pe-  
cado mortal com tais comparações — mas que na  
minha taberna se usa de respeito, sim, gabo-me.  
Não consinto cantorias sem jeito nem palavras de  
malvadez. Quero modos na minha presença.  
E olhai que até já a menina Marquinhas me tem  
entrado daquela porta pra dentro a falar com  
a minha Maria que também é zeladora do Sagrado  
Coração. Ai, temos uma santa no povo e não a  
merecemos.

EMÍDEO :

Santas milagreiras temos nós em barda  
ai minha guitarra

Deixe a lebre ti Moleiro  
caro petisco pra boca ruim  
é assim

Santas milagreiras temos por nós a rezeirar  
ai minha guitarra

À ceia rapaziada  
batatas com molho de água  
água com cheiro a caldo  
sem pão  
olha o milagrão

Deixe a lebre ti moleiro  
e à vida que a morte está certa

Santas milagreiras as rezadeiras do apocalipse  
bemaventurados somos e toca  
cantar bailar dormir  
erguer ao ladrar do cão  
de inverno é assim  
à espera do verão

Santas milagreiras temos nós em barda  
eh rapaziada  
à ceia  
à vida que a morte está certa  
batatas com molho de água  
água com cheiro a caldo  
sem pão  
ai milagre milagrão  
Deixe a lebre ti Moleiro

Santas milagreiras vinde vós bailar  
ao baile da minha guitarra  
ai minha guitarra  
eh rapaziada

ANGELINA :

Vão-se. Vão-se os demónios. Graças Senhor Jesus. E aquele! Abel! Não ouves os amigalhaços, Abel Moleiro? Foram-se. E a ti não te parecem horas?

ABEL MOLEIRO :

Cosa-se. Cosam-se todos. Me cago em judas E fique-se com Deus ou com o Diabo. Diabo que a carregue. Já nem na taberna um homem pode ficar o tempo que lhe der na gana. Vou-me com mil raios.

ANGELINA :

Ide-vos todos de vez, dianhos. A ofenderem uma pessoa de bem. Não fosse a necessidade que tenho de o ganhar eu vos diria safardanas.

## QUADRO VIII

EUFRÁSIA :

Isso, safardanas. Que com eles és tu mais milagreira que um jesus a mudar água em vinho. E inda assim os emborrachas. Quê! Emborrachados de fome. E julgam os coitados que é do vinho. Assobe-lhes logo à cabeça. Com todos os canais ôcos de vazios. Milagreira milagreira mais que feiticeira sua senhoria a ti Angelina tabarreira. Ui, esconde-te Ufrásia e mais a regaçada que pra uma pançada dá e vá. Uui-que-ui! Mirai-me aquele abutarda que se me atopa é logo dê-me uma esmola. E eu quê esmolar milagradas. Nada. Que eles vêem e tresvêem. Já pai e abôs im qualquer espelho se eu dizia tresfiguras figuras, tresfiguravam tresfigurações visões deles maldições. Nos vamos nos vamos Ufrásia.

ALMOCREVE :

Agulhas e dedais  
malditas mulheres  
que nada comprais

E não. Raça de nada, nem um fuso, nem uma colcheta. A Anastácia queria um carro de linhas mas ó senhoras de fiado. Paciência. Santa paciência. Sei onde posso ver alguma coisinha de ceia. Como de costumado pranto-me lá: é vergonha será mas que rumédio: e digo: ti António Loirença, merque-me um fuso. E vai ela e responde-me: Pra que quero eu os fusos se já nem tenho

mãos capazes de gastar os que merquei na mocidade. Mas entra vai entrando, aqueita-te ao lume e come um cacinho de caldo. Ai caldinho da minha alma que já me começa a saber. Uhnuhn! Assombra-se-me, é ela a menina dos cabelos bonitos pra fiar e tecer que só agora chega a casa. Crianças. É capaz de ter ficado à porta da taberna a ouvir os ditos e as risadas do pessoal. E lá por dentro, quem sabe, o coração a crescer, inchado de sangue... As crianças multiplicam por mil os mil sucessos... Não será altura... Darei mais uma voltinha à Rua da Ronda. Agulhas e dedais. Agulhas e dedais...

## QUADRO IX

Uma casa de granito como as outras, atarracada e escura, o telhado branco, mergulhada no anoitecer de uma luminosidade irreal. Meia dúzia de degraus, largos e toscos, uma varanda de pedra atravancada de lenha, a porta aberta onde uma mulher de idade, roca espetada no cinto do avental e fuso não mão sempre a girar, se enquadrava como numa moldura. Alta e aprumada, assomando-se de vez em quando para melhor mirar a rua. Aguardava os familiares.

AVÓ :

Só agora, Raquel? E com tais vagares. Há um rôr de tempo que soaram as Trindades. Santo Deus, pasmas com tudo como se não visses diàriamente os mesmos triatros da vida das criaturas. Demoraste-te por aqui e ali a ver e ouvir, escusas de negar. Trazes as mãos roxas de frio. Deixa ver que eu aquecto-tas nas minhas. Trago-as encardidas dos trabalhos de toda a casta. Não é sujidade, nenhum nojo. E a criatura? Queixosa como de costumado já se vê. A velhice e o mal são assim.

RAQUEL :

Comeu e mandou-me à taberna comprar uma botelha de vinho.

AVÓ :

É o deus do povo. Sinais dos tempos e muito maus sinais. Uma criatura tem que ser rija, lutar — e o vinho tira a memória e o entendimento, as maiores riquezas da pessoa. Depois palavriado raioila, pancada na família: tudo por água abaixo.

RAQUEL :

O ti Anselmo já não joga a raiola.

AVÓ :

Não, coitado. Pobre homem. Ai, as fábulas nunca deram certas como o povo nem o povo com as fábulas que teceu e tece. Mas a verdade é que todos querem crer em verdades de pernas para o ar. Do avêso. Nem mais. É assim, no inverno cigarras, no verão formigas a acarretar para o celeiro alheio. Vá, vem, aquestrar-te ao lume. Vens geladinha de todo. Minha menina.

Avó e neta entravam pelo interior da casa, um largo iluminado pela luz mortiça que vem da cozinha, suficiente, no entanto, para dar realidade a todo um mundo de sérios e humildes objectos: um cesto de couves, um banco comprido, uma lavatório com bacia de esmalte florida e minúsculo espelho pendurado; a cortina de chita de uma alcova entraberta deixando à mostra a cama de ferro e o tecto com penduras de uvas e maçãs; num prego, na parede, a saca da escola de pano com um leão pintado a vermelho, e sobressaindo

como pormenor mais importante, o basal de cantareira onde poisavam bojudos os cântaros, forrado de papel de jornal recortado e embelezado por toda uma baixela de pratos, malgas e barranhas. A criança seguia atrás da avó entrando na cozinha onde, na lareira, ardia um fogo pobre. Aí, pendurado das lares, um caldeiro negro, redondo, com a vianda do porco e uma panela de ferro apoiada em três pés desiguais onde coziam batatas num surdo gluglu.

AVÓ :

Não viste tua mãe?

RAQUEL :

Andava à procura do nosso Titónio.

AVÓ :

A estas horas e o pequeno por lá.

RAQUEL :

Andava às lebres. Ele e o Olmiro. Traziam os furões à Lapa do Martinho.

AVÓ :

Tontarias. Induzem as crianças pra caçadas e comem eles as febras. Toma, senta-te na tua mesinha que eu acabo a minha lida. São horas de



ceia. Ceias tu que as crianças devem ter horas. Eu espero-os. Tenho ali um leitinho guardado. Da vaca malhada. Devemos dar graças a Deus por nos consentir tais mimos. Tomaram todos. Cá está o púcaro. Dá bem duas malgas: uma pra ti outra para o nosso Titónio. Quentinho e migado vais ver o regalo. Já agora ponho a mesa da ceia. Não devem tardar. Vês esta toalha? Fiei-a da tua idade: dura eternidades. O pão, o prato pra comermos as batatas, os garfos... Bem... E o molho. Uma lágrima de azeite e bonda: é preciso pou-pá-lo: sempre assim foi: já faço isto mais certo que um sacerdote reza a missa: hábitos antigos: uma menina-do-olho verde de azeite a nadar no cimo da água: em criança quando tua bisavó repetia estes mesmos gestos eu ficava a mirar admirada como tu. Olha, alcança-me aquela botelhinha do prego. Sobe-te no banco. Isso. Amanhã leva-la cheia de vinho ao pobre velho; sempre ficará mais consolado e escusa de te mandar à taberna. Deus Nosso Senhor nos livre da velhice na cama que é como quem diz de uma longa agonia. Dias e noites, noites e dias a rememorar vidas passadas e repassadas, sem poder voltar atrás a remediar o mal feito ou renovar o bem vivido — praquê? — em impaciências e rezas que já pouco ou nada adiantam... Cada qual vá cumprindo as obrigações pela vida fora, seja honrado, mas não pretenda ser santo que santidade conheço apenas a dos que estão nos altares. Deus Nosso Senhor que é de mais inteligência do que aquela que os padres lhe dão não vai exigir impossíveis das nossas humanas misérias e também não é a murmurar padre-nossos que ele nos toma pelo que não

somos. Que lá rezar devemos rezar e não é somente com os pés para a cova: sim, por todos os que precisam e que inda estão vivos, pelas benditas almas do purgatório que ficaram no rol dos esquecidos, enfim, por todos os coitados. Olhas-me como se ouvisses uma toada que mal escutas.

RAQUEL :

Vossemecê minha avó é tão velha como o ti Anselmo. Ele mandou-te aquecer uma telha. Ui, tinha os pés gelados como os de um morto.

AVÓ :

Está bem de ver que o homem deve ter frio. É como eu que já não aqueço na cama se não encontro o teu corpinho tenro.

RAQUEL :

Mas ele vai morrer, avó...

AVÓ :

Todos havemos de morrer pois tudo o que tem princípio tem fim. Mas é verdade, os novos nunca julgam da mocidade dos velhos. Também eu outrora. De criança e mesmo mais tarde. E só queria que me visses! Na sega ou na monda, a tecer uma teia!... E a bailar! Era uma pena! Quem marcava o compasso do fandango e da valsa de dois passos quando bailávamos debaixo do ólimo da praça

era o avô agora dessa pequena Leonor. E que rodopio, Mãe Santíssima! Eu rodava rodava sem nunca cansar sem nunca endoidar — que a música, benza-a Deus, afinada e mexida que nem um demónio: harmónio, realejo, ferrinhos, viola, tundo numa funfaria a fazer ferver-nos o sangue, de puxar pela alma, obrigando-nos a bailar a bailar: ah, quando o Manuel Zabumba que Deus haja se agarrava à guitarra eu só tinha nos ouvidos a cantoria: dança dança toca a dançar: como um feitiço: sempre a rodar a rodar, a cara em fogo, blusa florida, sapatos polidos e que encantamento ser novo. Não conheces a cantiga:

A Primavera vai e volta sempre  
A mocidade vai não volta mais

É assim mesmo, uma criatura vem ao mundo sem culpas nem tino — faz o melhor que sabe e lhe ensinaram — e o tempo lá anda numa doba-doirá, ora moço ora velho, mas as pessoas, essas, caducam de vez. Uhnuhn! Rica fogueira! E tu olhas-me a lambra sem escutar. Imaginas mundos e fundos e assim houvera de ser que nunca os fundos dos mundos aos olhos de uma criança venham a aparecer. Jásus, só desejo que sejas como eu, rija; as contrariedades têm-me vergado mas cá estou para vos ajudar. Que os tempos vão maus: sim: fomes, frios, e uma pessoa tal qual uma planta à espera de outros melhores, a deixar passar a invenia. Aguardando primaveras. Que Deus nos acuda, inda tão longe! Na Primavera que formusura: correm ribeiros, rebentam lameiras, tudo brota e de desenvolve: até nos chacos

crescem pimpilros e erva meruja: vem o passado um alvoroço... Tudo na mesma esperança de comer, de encher o papo de bagos e pão quando chegar o tempo das colheitas. Aiai. É assim a vida, sempre a morrer e a renascer de novo pejada de promessas. Que eu também digo, triste de verdade só a morte quando leva as criaturas em flor: como quem esmagasse um botão de rosa alexandria: como quem vinga na inocência do cordeiro os mais ruins desígnios. Longe vá o agoiro. Que dos velhos o morrer é natural. Muito me tarda tua mãe e o nosso Titónio. Tua mãe, uma mulher nova e bonita... Tristeza de vida a sua. Uma desgraça. Toma o leitinho migado. Foi acabado de ordenhar e fervido.

RAQUEL :

Quero comer no meu cacinho de asa.

AVÓ :

Tens demasiados mimos creio bem. Assim eu te ensinasse as regras principais. Que julgo que sim. Nunca o esqueças: a vida é uma perpétua solidão de coração e de espírito por uma banda e uma grande irmandade por outra. De quê? De quem? perguntarás o como. Se todos somos capazes de ruindades e de bondades. Devemos buscar sempre o bom caminho que o bom caminho há que destrinchá-lo a cada passo que a cada passo a vida se apresenta como uma meada enredada. Que não caiam em cesto roto os bons conselhos. Escuta-me com atento. Ui, vem aí uma noite linda

mas tão fria. Jásus-Maria-e-José nos valham. O que será dos pobres que andam por esse mundo de cristo sem eira nem beira onde poisar: muitos a morrer nas andanças. Todas as noites rezo por eles e mais por aqueles que andam sobre as águas do mar — as pessoas destas terras nunca vimos o mar — e rezo pelos degradados, por todos os que penam trabalhos. Rezar rezo mas remediar, isso sim! São tantos a sofrer que por mais avé-marias... Não, nunca hão-de chegar para comover o Senhor que se calhar nos manda ao mundo já com dado propósito...

RAQUEL :

Minha avó, nas cidades as pessoas vivem em casas tão altas tão altas que furam as nuvens. Como os aviões.

AVÓ :

Diz'que sim. Come as migas, anda. Olha, eu vou descascando as batatas que eles não devem tardar. Olhas o buraco da telha? Ih, como a neve baila e remoínha lá em cima, na obscuridade das sombras para cá e para lá da luz. Que noite! Que noite! E é que parece um côro de anjos dançarinos. Uma beleza. Não vai parar tão de-pressa. Mas não sei porquê, aperta-se-me o coração. A alma ensombra-se-me. Que até se me afigura haver bruxedo numa noite assim de luar e neve... Jásus!

RAQUEL :

Quantas estrigas já fiou, m'nha avó? Mais de mil?...

AVÓ :

Quantas vezes mil e mil. Mil é um número mágico como o três. Diz a Ufrásia. E que aos mil e miles as pessoas destes povos hão-de desaparecer. Adivinha velha que já ninguém escuta: com medo de calamidades, de maus anúncios: vão-se a consultar santarronas...

RAQUEL :

Mas m'nha avó mil é um número tão grande!...

AVÓ :

Nunca o contei. Mas que o fiei, fiei. Fui eu quem fiou todas as teias da senhora Quininha do Samião, o mais rico bragal que conheci. A filha, tão distinta da mãe, diz'que abandona tudo, virada em vida pra Deus. Lá tem o seu norte. Eu, quando a olho sentada ao órgão da igreja, julgo ver uma santa mártir num retábulo. Mas fiei, fiei lindas teias para todo o mundo.

RAQUEL :

Senhora, conte-me a história da Princesa Guardadora de Patos.

AVÓ :

Gostas mais de ouvir contos que o reconto da verdadeira vida? Pois haverá razões... Bem, a história da tal princesa já tu a sabes mais que sabida. Agora me alembro... Tu que sabes de leituras... Tenho ali um livro no fundo do cesto velho das maçarocas. Dera com ele sem mais nem praquê. Na corte. Julgo que foi teu pai quem o comprou na feira da Sant'Ofêmia mas era teu tio André que o lia alto aí ao lume. Coisas de maravilhar. Teu tio André... Era ainda um catraio e já falava como um profeta. Nunca cheguei a entender bem feito as cismas dos filhos mas acreditava-os e julguei que alguma coisa boa inda um dia havia de assuceeder. Assuceederam desgraças isso sim. E o mais que virá pla porta. Teu pai embarcado nem sei por que terras — nem nisso gosto de falar e ele, teu tio, fugido para as guerras de Hespanhas. As guerras acabadas e dele, nem vivo nem morto, ninguém mais deu notícias. Meus ricos filhos. Mas escuta... Oiço passos...

RAQUEL :

É o vento. Ó avó, e o dinheiro do fianço das meadas e mais o da cabra amarela, dá para se ir de viagem, por exemplo... ir ao Brasil?...

AVÓ :

Longe, muito longe disso...

RAQUEL :

Vossemecê, minha avó tem guardados montinhos de moedas das estrigas que fiou para o senhor Semião...

AVÓ :

Do fianço das meadas inda me devem trezentos escudos; mais duzentos que tenho guardados para uma desgraça: que é tudo isso? Com tudo isso nada se pode fazer de jeito.

RAQUEL :

Mas a cabra amarela, avó! O ti Anselmo deixa-me a cabra amarela, vossemecê vende-a no Dezasseis, e eu...

AVÓ :

O velho inda há-de enterrar muito pessoal: é rijo como eu: que erva ruim não a cresta a geada.

RAQUEL :

Mas minha avó, vossemecê disse... Pra que serve então ir à escola, aprender a geografia, os problemas, tudo, avó?...

AVÓ :

Diz'que o saber não ocupa lugar... Mas talvez ocupe porque as criaturas põem-se a pensar no



bem e no mal. Muitas entram em desesperação. Teu tio André era como tu: um encanto na leitura; teu pai, tão certo nas contas que fazia passar — contas de cabeça porque deitar contas à vida de resignação que houveramos de levar nunca foi com ele. Jesus nos valha. Choras, criança? mas aquilo que te contei dos estudos, era eu a magicar alto. Tontarias de velha que também nunca se resignou. Como eles. Jasus, jasus não chores!

RAQUEL :

Não torno à escola minha avó, não torno não torno.

AVÓ :

Jasus! Escuta, não chores, ouço passos. Quem está lá?

VOZ :

Gente de paz...

AVÓ :

Inda não é tua mãe nem o Titónio. Entre criatura de Deus. Pareceu-me o Miguel Almocreve. Respondeu de sumido, como de quem traz frio e fome. De costumado.

ALMOCREVE :

Santas noites.

AVÓ :

Vem com Deus. Faz roda Raquel. Senta-te ao lume e aqueita-te. Trazes os tamancos molhados, criatura.

ALMOCREVE :

E rotos e retorcidos nas biqueiras: que se há-de fazer: ir ao tamanqueiro? Melhor seria comprar uns novos. E lá fora está um friozinho de rachar. De rachar santo Deus!

AVÓ :

Só se astreve a andar por lá quem for tonto ou muito necessitado. Por um tempo destes. E ventania. E a nossa Mariana e o nosso Titónio que tardam. Tu Miguel, já estás velho para tais andanças. Trazes fome, trazes... Anda, come das nossas batatas; toma, pega no garfo... Tinha a mesa posta para eles... Nunca mais os vejo chegar. Vá, não te acanhes. Quererás uma pinga? Inda temos algum. Pouco mas algum. Somos uma casa de mulheres, não de bebedores. Que o pequeno é criança. Pouca sorte. Pega. Aqui tens um púcaro. Da colheita: um parzinho de alumedes...

ALMOCREVE :

Jasus! Que Deus te pague Antónia Lourença. Ui'Jasus! O resto da família dizes que inda não chegou?...

AVÓ :

Não tardam. Devem estar a chegar...

ALMOCREVE :

Sou capaz de ter comido as batatas que eram pra eles?...

AVÓ :

Cozem-se outras. Vês já estou a tratar disso. Temos um montinho delas que talvez dê ou não dê até à Primavera. Que se não comem-se merujas e azedas. Temos que ser uns para os outros, que rumédio.

ALMOCREVE :

Tens razão Antónia. Olha de consolado até acendo um cigarrinho na brasa. Rica brasa. De consolo e consolação. Bem-hajas.

AVÓ :

Se já comeste e bubeste, oferecemos um padre-nosso pelas benditas almas do purgatório. Padre-nosso-que-estáis-nos-céus-santificado... Que tropel é este, Mãe Santíssima?...

ALMOCREVE :

Querem ver que morreu por lá alguém de morte macaca? Ai a desgraça do povo, ai a desgraça dos desgraçados. Elas toca a andar: ahah ahah: correm a ver: ahah: como mais uma batata, bebo mais uma pinguinha. Ahah! Com tal gritaria é morte de homem pla certa. Mais uma batatinha. E outra. E uma pinguinha.

## QUADRO X

EUFRÁSIA :

Mais uma batata e outra e outra. Vá e mais uma pinguinha. Que as bestiagas andam já à solta no povo. Mal começa a maridança da dança. Diabos infernais que nunca parais. Cruzes, água-benta praquê? Foi tempo de exconjurção. Já não há poderes que se oponham aos males. Diabos. Mais uma batata e uma farnhata. Mais uma pinguinha Ufrasinha. Ahahahah!

## QUADRO XI

Grande ajuntamento de povo. A avó e a neta, à porta, numa interrogação que mal se deixa ouvir. Homens e mulheres atropelando-se na meia escuridão riscada de reverberos bruxeleantes das lanternas. Sombra caóticas, movediças, indefenidas no chão de brancuras.

AVÓ :

Que burburinho é este pessoal? Que vejo?... Porque está o nosso Titónio de mãos atadas como se fora um facínora? Vossemecê... Ah, és tu, o Guarda? Ó desgraça do povo, onde apareça este diabo surge a maldição.

GUARDA :

Veja como fala e com quem fala. Tem vossemecê muita sorte ti Antónia, por o seu neto não ter ficado estendido na folha com meia dúzia de balas no bucho. Além de andar de espingarda sem licença, faltou ao respeito à autoridade.

AVÓ :

Foi a ti que não guardou respeito? Pois desstes-te a ele, que o meu neto é temerato a Deus e aos superiores. Andava sem licença com uma arma nas mãos? Tirasses-lha e aplicasses-lhe um par de bofetadas — que concordo, espingardas não são para mãos de criança. Licenças? Pra que te servem as licenças, as papeladas que mal sabes ler? Anda cá rapaz que eu é que te coço o pêlo!

GUARDA :

Saia daí mulher e não atente a soltar o rapaz. Vossemecê é uma velha, não me falte ao respeito se não quer ver o que nunca viu.

AVÓ :

Tantas vezes te matei a fome com as côdeas que me faziam falta para os filhos. Ingrato! E vós, pessoal deste povo, estais por ele? apoiáis-lo? Ah, recuais na obscuridade. E tu!... Peço-te de joelhos, se quiseres, mas não me leves o neto a penar em cadeias. Bem bonda o que temos sofrido na nossa família. Os meus filhos... Lembra-te do bem que te fiz, não sejas víbora.

GUARDA :

Dobre a língua quando falar comigo. Os seus filhos foram dois comunistas e fôra eu Guarda nesse tempo... Aaahhhh. E eu, se comi do seu pão, não mo tivesse dado; ninguém a obrigou.

AVÓ :

Safado! Ah safado de mil diabos! Os meus filhos são dois homens honrados e tu não passas de um lambe-cus. Um rai's te partira cochino! Solto o meu neto, pois antão e impede-mo se fores capaz. Javardo! Ah bestiaga! Não és criatura. Não passas de bestiaga! Jusus, jusus nos acuda!

GUARDA :

O quê? O aranhão da garota a arranhar-me. Atiro-te de safanão como à velha! Larga-me garota ou mato-te. Larga-me sarna. Uiui. O dianho assanhado. Assanhado! Que me cegas inferno! Ah mato-a. Mato-a! Toma e toma amadiçoada. Ooohhh... Venham pra cá com porras agora.

RAQUEL :

Avó... Minha avó... acuda-me. M'nha avó...

VOZES :

Alumiem. Tragam mais aliternas. Ai, matou-a. Matou-a no relho do arado. Bateu com a cabeça. Uma posta de sangue. Já não respira. Bruxarias. Acudam pessoal. Ai a desgraça do povo que nunca mais tem fim. Alumiem. Jusus. Jusus!...

EUFRÁSIA :

Corvos esgalgados. Bruxas infernais. Gralhas de gôzo. Porque não fazem silêncio. Silêncio! Deixem poisar o silêncio!

AVÓ :

Levai-me Senhor para o vosso Santo-Reino. Levai-me Senhor. Não obrigueis os pobres mortais a sofrer pralém dos limites, pralá das suas forças. Socorrei-me Senhor. Jesus. Jesus... Socorro Senhor.

VOZES :

E a Mariana a tais horas sem vir nem saber do assucedido. A pobre. Eu vi-a ir a caminho dos Vaizinhos por comida para os marranos. Mandai o Joaquim Rosa chamá-la. Tu! Estar uma mãe a criar uma filhinha para vê-la assim mortinha. De anjo. Aiai. Aiai.

EUFRASIA :

Crujas. Levem a criança pra dentro de casa antes que fique inteiriçada e não se possa amortilhar de jeito. Levem o anjo e amortalem-no como é devido.

VOZES :

Corta-se-nos o coração de ver tal tristeza. Escutais os choros? As rezas. Pois não são da avó que parece de pedra. De súbito ficou-se a mirar a criança: como empedernida. Fina como um azougue a menina. Na flor da infância. Oito ou nove anos. Foi bruxaria. Ninguém me tira que foi bruxedo. Ná, aqui não anda coisa boa. Talvez castigo de Nosso Senhor por causa de... Ai cal'te boca. Ou por causa do pai. Da tal maçonaria. Ná, gosto de falar direito: isto é por causa da Mariana andar de amores com o Emídeo. Metida com ele se calhar já no pior. Castigos. Houve quem botasse a praga entre o cálice e a hóstia. E o Emídeo... Olhem-no... Que ele mais parece o diabo saído das profundas tenebrosas... Jásus...



EMÍDEO :

Calem-se velhas esterqueiras e não amolem mais a vida de quem já a tem amolada. O cão que matou a criança há-de encontrar pessoal pela frente. Quem lhe arranque os bofes pela boca. Se encontra! O porco.

VOZ MASCULINA :

As ganas que ele não trará de nos esfandangar a todos...

VOZ FEMININA :

Terá que se dar parte à justiça: não culpem inda o povo.

EMÍDEO :

Qual justiça qual inferno. Já alguma vez, desde que se conhecem, mesmo vossemecês, pessoal de idade, viram fazer justiça ao povo? Refiro-me a justiça justiça.

VOZ MASCULINA :

Há-de haver justiça... Alguma justiça... Se não for contenda com rico... Talvez reste alguma justiça ao pobre... talvez...

VOZ MASCULINA :

Mas se o gajo é rico e está metido com eles... Agora refugiou-se em casa do Samião: a contar mentiras pra nos lixar a todos: nos inculpar.

FILOMENA :

Apenas nos resta rezar. Eu rezo o rosário, acompanhai-me. Que justiça só Deus, meus filhos, e mesmo com esse é preciso andar a trote e direito, dar os amens a tudo: não há mas nem meio mas com Ele. Padre-Nosso-que-estais-nos céus-santificado. Minha menina, já a vi deitada em cima da arca: parece um botão de rosa alexandria que não deixaram abrir. Malvadez. Pade-nosso-que-estais-nos-céus-santificado.....

VOZES :

E a pobre da avó. De velha secaram-se-lhe as lágrimas: tem o coração retalhado: parece é que parece de pedra. Nem nos responde. E a Mariana sem vir. Olha é ela! Traz uma facha de palha às costas. Vai dar de comer às bestas: que é vivo e precisa. Faz festas no focinho do burro. Nem nos mirou. Sabe? Não saberá? Nem a salvação nos deu. Sabe, que o Joaquim avisou-a. Ui, agora mira-nos em redondo com uns olhos de fazer medo. Sobe as escadas como quem vai de rastos entrar nas profundas dos infernos. E nada. Nem um grito. Não botou uma lágrima. Jasus. Que a velha não se chora de velha mas uma mãe. Escutam-se choros, rezas, lamentos mas de criaturas estranhas. Jasus! Jasus!

VOZ FEMININA :

Diz'que veio de caminho com a ti Ufrásia: que esta a benzeu: que não sente as agulhetas do martírio cravarem-se-lhe no coração.

FILOMENA :

Tontarias. Bobas! A criatura está no seu calvário, bebe o fel e o vinagre: faz caretas em vez de gritar. Que querieis? Triatros? Mais triatros?

VOZ FEMININA :

Se calhar endoidou. Viu os olhos dela ti Filomena?...

VOZ FEMININA :

Que será de todos se Deus nos abandona ao próprio destino?...

EMÍDEO :

Pessoal deste povo, devíamos ter vergonha de ficarmos praqui a pasmar de medos. Quanto a mim, largamos nesta hora e vamos esperar esse porco-sujo do Guarda ao caminho: caímos-lhe em riba com o raio, cada qual de sua banda.

VOZES :

Credo! Credo! Abrenúncio! Credo!

VOZ MASCULINA :

É capaz de não ir só, mas de companhia com o doctor Antoninho.

EMÍDEO :

Melhor: somos muitos: esfandangamos os dois de cambolhão. Duas pestes de menos.

VOZ MASCULINA :

Ná. Vamos desgraçar-nos para a vida inteira.

FILOMENA :

Que maiores desgraças nos poderão assuocer que vermo-nos de mãos e pés atados? escárneos e todas as misérias pra-riba de nós. Que maior desgraça que ver uma criança morta por um lobishomem. E já não é a primeira: bem sabeis que deixou o do Filipe comer os frutos da árvore que tinham envenenado: e o bruto a ver à sucapa: só porque o garotito andava a roubar umas ameixas do Samião. Que maiores desgraças nos podem aguardar pergunto-vos eu a vós? ó criaturas deste povo. Que quê? Inda?

VOZES :

Do do Filipe diz'que não julgou... E que agora foi sem querer. Que morreram da morte. Do que tinha de ser. Destinos. Matou-os sem ser da por mal diz'que. Sim e é Guarda a soldo e mando... Tem corrido criaturas a tiro e se ainda não calhou mais dia menos dia acerta a qualquer...

## GUARDA :

Pois cá estou eu! Vêem-na, a esta menina-pistola? Olhaolha como se encolhem os rosnadores. Escondem-se os farrumbas e as calhandras. Aviso aqui: o primeiro que se atreva a dar um passo contra mim: já vi um punho alçado: é homem morto. De largo. De largo. Façam roda. E nem pio. Nem bulam um dedo. Ora a brincadeira! Não fui eu o matador da garotelha ouviram suas bruxas e vós cabeças de burro? Que culpas tem um homem — e é que inda tenho as arranhaduras, eu é que devia queixar-me de agredido — sim que culpas, se ao derribá-la, vai mesmo pespegar-se: pumba! em cima do relho do arado. O dianho assanhado. Estou dentro da justiça e do direito; em legítima defesa — e vós que quereis atazanar-me... Vá, movei-vos, a ver... Vá bardamerdas! Ah, ninguém bole. Inda bem, melhor vos vai. Falei com o doutor Antoninho que inda é meu primo e formado em doctor de leis — perceberam seus jumentos de um corno?! Têm menos entendimento que a mais reles cavalgadura, estou farto de o repetir a quem me entende. Seus caras do carai. De um raio. E ficam já a saber: nada de caçar na minha área sem licença de porte de arma bem escrita e escarrapachada: se é que sabeis o que isso seja: nada de matar os pobres animaizinhos no defêso, nada de furões. Não consinto abusos nem faltas de respeito. Senão a festa começou hoje, entendido, animais?! Vêem bem daí a senhoraça que vos aponto? Há distâncias a que não falha. E tenho outro material em casa e quem me sirva de ajudante. Vá! Então, qual é a caval-

gadura que quer experimentar? saber se tenho ou não pontaria. Aahhh! Nenhum. Ora vejam, os valentões. Ora vejam os filhos da puta!

MARIANA :

Assassino. Assassino! Acudam! Aqui-d'elrei! Acudam! O assassino. O Guarda! Aqui-d'elrei. Povo! Acudam senhores! Acudam povo!

O guarda que passeava a meio do curral, empertigado e de pistola em punho, parou, surpreendido pelo insólito dos gritos alucinados da mulher. Esta saltou das escadas e como uma leoa, em esgares de doida, agarrou-o e soltando-lhe a pistola arranhava-o e mordia-o. O homem tentava libertar-se, sacudir a mulher, defender-se das garras que se lhe cravavam na carne, nos músculos, que o aperreavam como gigantescas tenazes. A sua face era já uma posta de sangue, e por instantes, incontavelmente infinitos, apenas essa luta titânica, gigantesca, corpo a corpo, de dois ódios abissais. Por fim, tal um trapo que ventos desordenados tivessem erguido às alturas e agora abandonassem à sua sorte de mísero farrapo, a mulher tombou em terra. Rápidos, e como que obedecendo a inaudíveis ordens, os homens precipitaram-se sobre o Guarda que limpava o sangue que o cegava, e formando um só corpo, de navalhas espanholas abertas, cravaram-lhas na carne. Quando se indireitaram, o outro, era um vulto inerte a babar sangue num charco de sangue por sobre a neve pisada.

EMÍDEO :

Picado como a cebola, o ôdre. Bem morto. Mirem-no de todas as bandas. De barriga e de cu pró ar. E agora digam que não há justiça para os pobres. Ou plo menos vingança. Quando a vamos buscar. Há e torna a haver. Aqui têm uma amostra de justiça. Não recuem para a escuridão. Não apaguem as alinternas. Fizemos um feito, acendam mais luzeiros. Porque se escondem vossemecês?...

FILOMENA :

Deveis fechar os olhos Senhor Deus e ver o direito. Não nos tragais mais desgraças, Senhor Deus! mais castigos. Perdoai-nos Senhor.

VOZES MASCULINAS :

Quando eu espetei a navalha já ele estava morto. Eu cá nem cheguei a usar a folha da minha. Nem eu. Nem eu. Vejam, mirem, parece-vos mal alimpada do sangue? Pois foi de encostar a alguém. Não me culpem. Estou inocente.

EMÍDEO :

Vossemecês querem dizer que fui apenas eu a matar o ôdre do Guarda? Tenham vergonha pessoal. Demais a mais, as mulheres são testemunhas.

VOZES FEMININAS :

Eu não vi quem matou. Eu não vi o principal. Na escuridão quem pudera distinguir o principal

dos outros. Quem começou a esfaquear tem as culpas. Eu não vi. Eu nada veria se.

FILOMENA :

Conheço-te desde que nasceste: ficaste órfão com quatro anos e meio: sempre foste um cravo. E de bondade. Olha filho, foge enquanto é tempo. É melhor afugires, Emídeo. Há esconderijos nas serranias que nem o diabo com faro. Tu conhece-los a todos, todos esses camaradas. Uns cagarolas. Gostam que lhes cusпам e mijem em riba. Foge filho, foge que não tarda aí a guarda de a-cavalo. Foge que não tardam aí em bando, carregados de armas: andam sempre aos pares como os frades ou em bandos como de pouco seguros mesmo armados. É o fim do mundo no nosso povo se não te escapas a tempo e horas.

VOZ FEMININA :

Ai-Jasus. Ai-jasus. Nosso-Senhor bem disse: adeus-mundo-cada-vez-a-pior. Ai-Jasus.

EMÍDEO :

Pois fiquem-se para aí com o ai-Jasus. E também com esta: que só me resta uma verdadeira pena: já agora: o de não ter sido eu somente a matar o gajo: esse monte de esterco. E juro aqui que hei-de safar-me desses sacanas dos guardas de a-cavalo ou outros que tais. Por franças ou hespanhas, juro e tresjuro, vivo não me hão-de apañhar. Porque se me vejo perdido... Mirem esta



navalha espanhola bem ensanguentada, de ponta e mola e bem afiada. É como gume nos gorgomilos. Qqqq! Fiquem-se. Fiquem-se com Deus e o Diabo de carava!

MARIANA :

Emídeo! Ó Emídeo. Foi-se. Foi-se a única criatura capaz deste povo. Sim, que mais culpas tem ele que os outros, vá digam, que mais culpas tem o Emídeo? Vossemecês suas víboras murmuravam com essas línguas porcas, de mim e dele, marranadas que nada tinham que murmurar, ouviram? Nada. Nunca fizemos o mal. Estou limpa e sou uma mulher honrada, mais honrada que vossemecês todos juntos. Ah víboras, víboras vindas das profundas dos infernos. Ah amaldiçoados! Amaldiçoados estamos todos nós: praquê então dene-grir mais a vida dos desgraçados. Malvadez. E que tinha, sim que tinha se eu e o Emíde tivéssemos vivido amigados? Sim. Tenho eu porventura algum homem a quem dar os amens? Que têm vossemecês a ver com a negrura da minha vida? Fora daqui. Fora daqui povo malvado e amaldiçoadado, fora! Amaldiçô-os a todos, Amaldiçôo Deus e o Diabo que de companhia mataram a minha filhinha. Que de conluío me emporcalharam a vida pelos vossos maldizeres. Pois que venham, que venham os dois Senhores Supremos do Bem e do Mal e que arrasem esta terra plo fogo, que a desfaçam em pó e cinzas como fizeram já noutros tempos — dizem as Escrituras. Que o façam: que isso será acto de maior bondade e sabedoria que deixarem um pobre mortal mais aper-

rado e malferido que besta na armadilha. Ah malditos, ah Porcos-Sujos, ah se eu pudesse beber-vos o sangue, pisar-vos como a esse porco-sujo do guarda que aí está por terra!...

VOZES :

Agarrem-na. Priou-se como cão danado e blasfema contra Deus. Priou-se. Agarrem-na. Foi a ti Ufrásia que lhe deu a buber a mistela do Lucifer. Levem-na à benta. Só a benta, santinha. Ajoelhem mulheres. Rezemos uma jaculatória. Olha. Ela sossega. Como o doido da ti Custódia depois dos ataques. Olha. Olhai.

FILOMENA :

Mariana, volta a ti criatura. Vai lá pra dentro fazer companhia à tua filhinha. Vai, anda.

MARIANA :

Deixe-me ti Flomena. A minha filha já não está lá dentro. Não está em parte nenhuma. Ela era uma rapariguinha viva, boa — e como ria para o mundo com sóis e estrelas a brilhar-lhe nos olhos: tão fina! percebia que o Emídeo me queria e o olhar dela reprovava-me: e se calhar foi por isso que nunca aconteceram coisas... Ah, mas a menina que está lá dentro, que eu já afirmei, é um corpo duro, inteiriçado, frio — tão frio como a própria morte. Não é ela ti Flomena. Nassenhora. E já não me olha de nenhum modo: nem de melancolia nem em risos. Psssss! Eu sei que os dois

Porcos-Sujos me vão mandar para os infernos — e que mais dá este inferno ou o outro inferno! Ah, aí ao menos gritarei à vontade, até ao fim dos séculos, hei-de amaldiçoá-los, amaldiçoar a hora em que nasci e mais os desgraçados que me botaram no mundo, aahh tantas maldições que sairão da minha boca que julgo que nem toda a eternidade chegará para gritar tanta dor. E não me julgue doida ti Flomena, não pense que endoidei ouviu?!

FILOMENA :

Deus que te manda as aflições há-de dar-te forças e resignação para as aguentares. Que ru-médio senão luar a cruz ao calvário!

MARIANA :

Não me fale mais em Deus ti Flomena, não me fale em tal Coisa que me indigna. Talvez Deus tenha préstimo para os grandes deste mundo porque a um pobre é só achincalhá-lo. E que venha o Diabo desmentir-me se for capaz. Que venha, que venha Esse e Lucifer e Satanaz e o Judafaz! Que venham todos pisoar-me. Não me fale em coisas e aloisas ti Flomena que me endoida. Olha endoida! Ahhaaahhh! Vou fugir ti Flomena. Pss. Cale-se. E mais o Emídeo. Isso. Antes que apareça a guarda de a-cavalo. Viveremos os dois amigos, pois então! Aaahhhhh! Olhe, se vir o meu Titónio e a minha Raquel, diga-lhes, sim, diga-lhes... Nem mais, diga-lhes que a mãe deles é uma bacora, que já cá não torno, que são órfãos de pai e mãe. Larguem-me. Larguem-me bruxas. Oh amaldiçoados. Socorrrooooo. Socooooorrrrooooo.

VOZES :

Larguem-na. Mordeu-me. Deixam-na. Priou-se como cão danado. Cadela raivosa. Vá alguém pela benta que a benza e esconjure os espíritos. Tem o diabo no corpo. Corram. Tragam água benta e hissopo. Enquanto sim e não. Que acha vossemecê ti Flomena? que os responsos da ti Ufrásia?... Chamem a ti Ufrásia!

FILOMENA :

Isso, chamaí a Ufrásia. Quem quiserdes. Infeliz danação. Ah que Deus nos ajude a todos. Alumiai. Aí tendes a Ufrásia.

EUFRÁSIA :

Fazei roda e bailai a dança da contradança que a maridança maldança acaba de começar. Vá vá vá fazei roda de roda de roda que a roda de roda de roda sempre a rodar. Vá vá...

## QUADRO XII

Mesmo local. Três vultos de mulheres embiocados nos xailes passeiam à luz fantasmagórica do luar. O Almo-creve vinha a descer com cuidado as escadas escorregadias de lama e neve pisada.

ALMOCREVE :

A menina parece um anjo. Sim, um sorriso sem tino no rosto de anjo. E nós, povo? Almas trajadas de negrura na escuridão das negruras transidas de medos e misérias. Fome, frio e tristuras. Uma senhoria ilustrada que tanto visse que diria? Senhorias? E uma noite assim assombrada com duas, três estrelas conto eu. E brilham! Ui como brilham no infinito dos infinitos para lá da Lua. A criança gostava de contar as estrelas: uma, duas, três, tantas; uma criança que contava até mil e mil de mil. Honje, dissera-mo ela, tinha posto os tamancos e as meias novas. Como para uma festa. E é que parecia uma fada a cantarolar pé-aqui-pé-ali. Jasus!

FILOMENA :

Já escuto a guarda de a-cavalo. Os doctores correram de carro a chamar a guarda de a-cavalo.

LEONOR :

Vão matar o Emídeo.

FILOMENA :

Que matem: que nos matem a todos: um rapaz como um cravo. Um ramo de freixo. Não havia outro em desteza por estes povos ao redor.

ANSELMO :

Lá me ergui do meu catre e trago a cabra amarela. Mixórdia de inexistência. Trago a cabra amarela pra que lhe merquem, à menina, o mais rico traje na loja do Rufo Espanhol. Não ouviram bruxas do inferno? Peguem prá-í a cabra, e merquem um traje da mais fina seda e uma grinalda de flores à menina. Quero-a mais bem trajada que a rainha dona Amélia, das estampas. E uma grinalda de anjo! Ouviram? Quero a coisa mais perfeita para enfeitar quem me agasalhou e luvou tantos caldinhos. Fina como um gume. Ah bruxas dos infernos, não me ouvem?!

MARQUINHAS :

Já tem a grinalda, criatura e não blasfeme. Lá está feliz com os arcanjos. De grinalda. Glória a Deus nas Alturas.

FILOMENA :

Vão-se os bons, os fortes e os de tenra idade; ficam os velhos e os deserdados. Que será de todos?...

ANSELMO :

Dizes bem Flomena, que será de todos. Ao menos terão deixado a besta-fera bem mortal? Amanhã é o entêrro: hei-de arranjar forças, quero lá ir, cuspir na sepultura.

MARQUINHAS :

Um lindo arcanjo no convento do Senhor cantando em seus coros. De grinalda que eu por minhas mãos fiz. Glória a Deus.

ALMOCREVE :

Começa a amarelar a lua: ui uma lua assim de males: como alma malassombrada. Uma lua...

MARQUINHAS :

Dizia-me a alma que eu engrinaldaria o anjo...  
Glória!

ANSELMO :

Eh bruxas, hei-de ir lá, se vou! cuspir e cuspir, não ouvis? cuspir.

EUFRÁSIA :

Cospe e cuspirás, mil enterrarás que as águas desse mar nunca esgotarás. Cospe e cuspirás, mil enterrarás que desse infindo abismo nunca o fundo verás. Cospe e cuspirás.....







Composto e impresso  
na  
TIBOL — Tip. Central da Borralha, Lda.  
Telef. 62404 — A G U E D A





Uma aldeia da Beira Alta —  
— de antes da emigração —  
mergulhada na fome e no  
frio. A «rua da ronda» será  
como que uma espécie de  
via-sacra do povo, a rua da  
procissão do dia do Senhor  
da Agonia que descreve a  
curva fechada de um deses-

pero sem limites. Como ultrapassá-lo? Como romper o círculo? «A rua da ronda» é a primeira peça de uma trilogia «Para um Teatro dos pobres»: a aldeia na fome e no frio, a aldeia durante a emigração (rompeu-se a cadeia?), e a aldeia depois, muito depois...

Livros da autora:

«A Cidade sem Espaço» — Bertrand 1961

«O Aquário» — Bertrand 1963

« O Dom de Estar Vivo» — Arcádia 1967

«D. Leonor, Rainha Maravilhosamente» — Teatro - Dilsar 1968



Distribuído por  
EDITORA ARCÁDIA, S. A. R. L.  
Campo de Santa Clara, 160 — Lisboa 2